

ISSN: 1806-003X

cadernos IHU

ano 13
nº 52
2015

Ética e subjetividade: análise da estrutura subjetiva da vida ética segundo Lima Vaz

Roseane Welter

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



JESUÍTAS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

Ética e subjetividade: análise da estrutura subjetiva da vida ética segundo Lima Vaz

Ethics and subjectivity: An analysis of the subjective structure of ethical life according to Lima Vaz

Resumo

O centro da reflexão vaziana é o homem. Pensar a subjetividade significa compreender o sujeito na sua essência para então compreender o mundo no qual ele está inserido e onde se encontra em constante relação com o *ethos*. Para isso, não basta pensar o indivíduo como agente ético, mas é preciso adotar uma postura de vida pautada na Ética, viver eticamente tanto em nível individual como em nível social. Ser uma pessoa ética implica coerência não só nas ações, mas sobretudo na vida. A presente pesquisa apresenta o itinerário de Henrique Cláudio de Lima Vaz sobre a estrutura subjetiva da *vida ética* seguindo o movimento dialético do operar da *Ração prática*. Para alcançarmos o nosso objetivo, dividimos da seguinte forma: o primeiro capítulo destaca a relação de Lima Vaz com a Ética filosófica e os três capítulos seguintes abordam a Estrutura subjetiva da *vida ética*, objeto da nossa pesquisa, a partir do percurso do silogismo prático de Lima Vaz sobre a *vida ética: universalidade, particularidade e singularidade*.

Palavras-chave: Subjetividade. Vida Ética. Universalidade. Particularidade. Singularidade.

Abstract

The center of Lima Vaz's reflection is human being. Thinking about subjectivity means to understand the subject in their essence in order to understand, then, the world in which they are inserted and find themselves in a constant relationship with *ethos*. For this purpose, it is not enough to view the individual as an ethical agent, but it is necessary to adopt a posture in life that is guided by ethics, to live ethically both at the individual and the social level. This monography discusses the itinerary of Henrique Cláudio de Lima Vaz on the subjective structure of *ethical life* by following the dialectical movement of the operation of *practical reason*. It is organized in four chapters: the first chapter highlights the relationship of Lima Vaz and philosophical ethics and the three following ones discuss the subjective structure of *ethical life*, which is the monograph's object, based on the course of Lima Vaz's practical syllogism on *ethical life: universality, particularity and singularity*.

Keywords: Subjectivity. Ethical life. Universality. Particularity. Singularity.

Ética e subjetividade:
análise da estrutura subjetiva
da vida ética segundo Lima Vaz

Roseane Welter

Cadernos IHU é uma publicação mensal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, apresenta artigos que abordam temas concernentes à ética, sociedade sustentável, trabalho, mulheres e novos sujeitos socioculturais, teologia pública, que correspondem às áreas de trabalho do Instituto. Divulga artigos provenientes de pesquisas produzidas por professores, pesquisadores e alunos de pós-graduação, assim como trabalhos de conclusão de cursos de graduação. Seguindo a herança dos *Cadernos CEDOPE*, esse periódico publica artigos com maior espaço de laudas, permitindo assim aos autores mais espaço para a exposição de suas teorias.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: José Ivo Follmann, SJ

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Jacinto Schneider

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU

Ano XIII – Nº 52 – 2015

ISSN 1806-003X (impresso)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: Lic. Átila Alexius; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. MS Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Agemir Bavaresco, PUCRS, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Aitziber Mugarra, Universidade Deusto, Espanha, doutora em Ciências Econômicas e Empresariais; Prof. Dr. André Filipe Z. Azevedo, Unisinos, doutor em Economia; Prof. Dr. Castor M. M. B. Ruiz, Unisinos, doutor em Filosofia; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Dr. Daniel Naras Vega, OIT, Itália, doutor em Ciências Políticas; Prof. Dr. Edison Gastaldo, Unisinos, pós-doutor em Multimeios; Profa. Dra. Élide Hennington, Fiocruz, doutora em Saúde Coletiva; Prof. Dr. Jaime José Zitkosky, UFRGS, doutor em Educação; Prof. Dr. José Ivo Follmann, Unisinos, doutor em Sociologia; Prof. Dr. José Luiz Braga, Unisinos, doutor em Ciências da Informação e da Comunicação; Prof. Dr. Werner Altmann, doutor em História Econômica.

Responsável técnico: Lic. Átila Alexius

Revisão: Carla Bigliardi

Arte da capa: Natália Scholz

Editoração eletrônica: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto

Humanitas Unisinos. – [Ano 1, n. 1 (2003)]- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .

v.

Irregular, 2003-2012 ; Mensal, 2013-.

Fusão de: Cadernos CEDOPE : série cooperativismo e desenvolvimento rural e urbano; com Cadernos CEDOPE : série população e família; com Cadernos CEDOPE : série movimentos sociais e cultura; e, Cadernos CEDOPE : série religiões e sociedade.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu>>.

Descrição baseada em: [Ano 1, n. 1 (2003)] ; última edição consultada: Ano 12, n. 46 (2014).

ISSN 1806-003X

1.Sociologia. 2.Religião. 3.Trabalho. I.Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

2

331

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1806-003X (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial do Cadernos IHU:

Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467

Email: humanitas@unisinos.br

Lista de abreviaturas

AF I – Antropologia Filosófica I, 11^a, 2011.

AF II – Antropologia Filosófica II, 3^a, 2001.

EF I – Escritos de Filosofia I, Problemas de Fronteira, 1986.

EF II – Escritos de Filosofia II, Ética e Cultura, 5^a, 2013.

EF III – Escritos de Filosofia III, Filosofia e Cultura, 2^a, 2002.

EF IV – Escritos de Filosofia IV, Introdução à Ética Filosófica 1, 6^a, 2012.

EF V – Escritos de Filosofia V, Introdução à Ética Filosófica 2, 2^a, 2004.

EF VI – Escritos de Filosofia VI, Ontologia e História, 2^a, 2012.

EF VII – Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade, 2002.

Sumário

Introdução	6
1 Lima Vaz e a ética filosófica.....	9
1.1 Nihilismo ético	9
1.2 A Ética Filosófica.....	13
1.3 A estrutura da Ética sistemática	15
2 A universalidade subjetiva da <i>vida ética</i>.....	17
2.1 A inteligibilidade do <i>ethos</i>	17
2.2 A categoria da virtude	20
2.3 Problemática histórica e crítica da virtude	22
3 A particularidade subjetiva da <i>vida ética</i>	26
3.1 A situação: experiência da Finitude.....	27
3.2 A hermenêutica da situação	29
3.3 Da situação à transcendência: a deliberação	30
4 A singularidade subjetiva da <i>vida ética</i>	33
4.1 O ato de decisão.....	33
4.2 A distinção entre livre-arbítrio e liberdade.....	35
4.3 A inteligibilidade da vida ética	36
4.4 A constituição da personalidade moral	37
Considerações finais.....	41
Referências	44

Introdução

O filósofo brasileiro Henrique Cláudio de Lima Vaz¹, em sua obra filosófica, objetiva pensar as grandes questões que inquietam o nosso tempo e destaca como principais desafios éticos vigentes na modernidade e na contemporaneidade: uma sociedade utilitarista e individualista, a emergência da crise de sentido da vida, configurada pela crise sem precedentes de valores, propiciando um profundo desgaste das relações intersubjetivas, um relativismo universal e um hedonismo sem limites. Tal situação visa à nova estruturação social sedimentada no capitalismo em prol do aumento da riqueza e, em contrapartida, o aumento dos conflitos nas várias dimensões da vida humana, em nível pessoal, social e espiritual, e a um progressivo esmaecer da aceitação do caráter normativo e hierárquico dos bens que conferem na vida o imperativo e a dignidade de um *dever-ser* propriamente humano².

Lima Vaz, herdeiro da tradição filosófica que faz da Razão uma crítica e uma norma para a conduta humana individual e social, está atento ao estado crescente de anomia em todas as instâncias sociais e constata que o termo Ética sempre esteve no ‘centro’ das

1 Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002), filósofo brasileiro de Ouro Preto, Minas Gerais. Padre Jesuíta. Sua vida acadêmica iniciou-se com o curso de Filosofia, em Nova Friburgo-RJ; após, fez Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Posteriormente, também na Gregoriana, doutorou-se em Filosofia. Foi professor da Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo (1953-1963), na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (1964-1987). Erudito, possuía uma sólida e vasta cultura científica e humanística, conhecido como um dos grandes conhecedores do pensamento filosófico ocidental. Prova disso é o seu itinerário filosófico pautado num conhecimento profundo do pensamento ocidental. Suas influências basilares: Platão, Tomás de Aquino e Hegel. Sua filosofia está alicerçada no tripé: metafísica, antropologia e ética. Considerado um dos principais filósofos brasileiros, nos últimos anos seu pensamento tem recebido destaque nas linhas de pesquisa, sobretudo na área da Antropologia e da Ética. Autor de uma vasta coleção de obras e artigos publicados, sobretudo na Revista *Síntese* e em vários outros periódicos de renome. Lima Vaz parte sempre de uma análise do contexto vigente, faz um diagnóstico da atualidade, confrontando a história com a modernidade. Faleceu em Belo Horizonte (MG), no dia 23 de maio de 2002.

2 Cf. LIMA VAZ. Henrique Claudio de. Escritos de Filosofia IV. Introdução à Ética Filosófica 1. 6ª edição. São Paulo: Loyola, 2012. P. 7-8. A partir de agora usaremos as seguintes siglas para identificar as obras de Lima Vaz: AF I e II (*Antropologia Filosófica*); EF I, II, III, IV, V, VI, VII (*Escritos de Filosofia*).

discussões ao longo da história, e não é diferente na atualidade, pois se encontra em constante alta nos discursos contemporâneos, seja na discussão política e social dos meios de comunicação de massa, seja nas produções acadêmicas ou bibliográficas. A Ética, pode-se afirmar, é um dos temas do momento, que está sempre despertando o interesse das pessoas. Sem muito esforço, percebe-se que é um dos temas mais debatidos nos vários segmentos da sociedade e também uma das disciplinas mais estudadas nas várias áreas da academia.

Constata, ainda, uma deteriorização da semântica do termo Ética, que vem sendo usado sem enfatizar a sua real acepção filosófica. Com caráter de urgência, destaca a necessidade de uma reflexão ética. Perplexo e inquieto, adentra na aventura de pensar a Ética sob a ótica da filosofia e para isso toma posse do método dialético, herança hegeliana, abrindo caminhos a partir do panorama de *rememoração* dos grandes modelos do pensamento ético ao longo da história; em seguida, apresenta uma reflexão sobre “as estruturas e categorias fundamentais da Ética, organizada de modo a pôr em evidência articulação dialética e unidade sistemática”³. Ele estrutura essa trajetória basicamente em duas obras singulares: *Escritos de Filosofia IV* e *V*.

visa tematizar a estrutura *subjativa* da *vida ética* na Ética filosófica de Henrique Cláudio de Lima Vaz e objetiva apresentar a *vida ética* segundo o movimento dialético da *Ração Prática* subjativa. Lima Vaz estrutura a sua Ética em três níveis de inteligibilidade conforme o silogismo hegeliano de *subjatividade*, *intersubjetividade* e *objetividade*. Esta estrutura conceptual da *vida ética* segue os princípios lógicos de *universalidade*, *particularidade* e *singularidade* e tem seu ponto de culminância na “reflexão-síntese sobre a pessoa moral”⁴.

Lima Vaz clarifica que refletir sobre a *subjatividade* significa adentrar no universo “da ‘interioridade’ da consciência – enquanto oposta à ‘exterioridade’ do mundo – e que se revela exatamente como sujeito das significações e valores pelos quais o homem ‘compreende’ o mundo”⁵. Possibilita compreender o homem na sua essência primeira, para então, a partir desse autoconhecimento “Eu sou”, progredir para a compreensão do mundo determinado pelo *ethos*, ou seja, das normas e costumes vigentes no ambiente em que o sujeito está inserido.

O homem é o centro da reflexão vaziana e não basta pensar o indivíduo somente como agente ético. É preciso, sobretudo, adotar uma postura de vida pautada na ética, ou seja, viver eticamente tanto no nível individual como no nível social, isto é, ser ético não

3 EF IV, p. 9.

4 MAC DOWELL. João A. Aspectos fundamentais do pensamento ético de Padre Vaz. *Veredas do Direito*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p.63-79, 2004.

5 EF VI, p. 166.

só nas ações, mas também na vida. Lima Vaz enfatiza que a questão ética se apresenta ao sujeito hoje como uma busca constante pelo sentido da existência e das razões de viver do homem.

O trabalho está organizado em quatro capítulos: o primeiro intitula-se Lima Vaz e a Ética Filosófica e trata de apresentar o posicionamento vaziano ao *Niilismo ético* e a sua proposta de uma Ética filosófica. Em visão panorâmica, seguiremos o caminho que percorre as vias do *enigma da Modernidade*, caracterizada como o ponto central do debate ético-filosófico de Lima Vaz, que culmina no *niilismo ético*, o qual é a consequência última da crise da Modernidade configurada numa crise de valores. Em um segundo momento, elencam-se os motivos e por que Lima Vaz corrobora uma Ética de caráter filosófico e a estrutura da Ética sistemática. Por fim, determina-se o limite da nossa pesquisa.

Os capítulos seguintes tratam da Estrutura Subjetiva da *vida ética* e apresentam o silogismo prático vaziano sobre a *vida ética*, segundo o movimento lógico-dialético da *universalidade*, da *particularidade* e da *singularidade* da *vida ética*.

No segundo capítulo, adentra-se no momento da *universalidade* da *vida ética*. Em discurso sistemático, aborda-se a *universalidade subjetiva* a partir da *Razão prática* que opera na *vida ética*. O objetivo é perpassar esse momento, apresentando os elementos característicos dessa etapa: a inteligibilidade do *ethos* e a categoria da *virtude*.

No terceiro capítulo, busca-se mostrar a tarefa mediadora da *particularidade* em relação à *universalidade* e à *singularidade*. Esse momento caracteriza a *situação* em que se encontra a problemática referente: o sujeito ético.

No quarto capítulo, a *singularidade* revela o resultado da compreensão da realidade concreta do existir. Acenada a partir do aspecto da *decisão*, emerge para o campo da liberdade e formação da *personalidade moral*.

Cabe ressaltar também que os conceitos utilizados ao longo do trabalho estão destacados em *itálico* e ou em *negrito*, conforme apresentados pelo filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz em suas obras e também pelos comentadores e, quando utilizado nas citações, seguimos as devidas notas dos termos citados.

Para as notas de rodapé, conferir a lista de abreviaturas apresentada no início do trabalho.

1 Lima Vaz e a ética filosófica

Grande parte da tradição ocidental se preocupou em apreender, pela mediação do conceito, a forma e o movimento da Ética. Basta olhar com atenção o número de filósofos que desde a era clássica, passando pela moderna e, sobretudo, na contemporaneidade, volta seu olhar e reflexão para o horizonte ético, seja a partir da esfera teórica, seja a partir da esfera da *práxis*. Dentre esses filósofos, encontra-se Henrique Cláudio de Lima Vaz, considerado um dos mais notáveis da Academia Brasileira do século XX. O foco do seu itinerário filosófico está centrado na crise da Modernidade, especificamente na sua dimensão Ética.

Este capítulo objetiva pontuar a Ética filosófica na compreensão e composição vaziana. Para isso, discorrer-se-á inicialmente sobre o *Niilismo ético* em que será apresentado o *enigma da Modernidade* como horizonte em que se desenvolve o debate sobre a crise de valores. Em um segundo momento, elencam-se os motivos pelos quais Lima Vaz corrobora uma Ética de caráter filosófico e a estrutura da Ética sistemática. Por fim, determina-se o limite da pesquisa, a partir de uma leitura hermenêutica sobre a estrutura *subjetiva* da *vida ética* no operar da *Razão Prática*, nas estruturas próprias da *universalidade*, *particularidade* e *singularidade*.

1.1 Niilismo ético

É a partir do diálogo com a Modernidade que Lima Vaz se vê diante de duas questões que direcionam o seu pensar e o seu filosofar: “o problema do sentido da existência e a pergunta a respeito da orientação ética para as ações”⁶; em outras palavras, a referência ao *niilismo metafísico* e ao *niilismo ético*, que se verá adiante. Assim, com a intenção de pensar a realidade e o contexto ao qual está inserido, Lima Vaz assumiu como ponto de partida da sua investigação o *enigma da Modernidade*. Ele afirma que é o “enigma de uma civilização

6 OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p.14.

tão prodigiosamente avançada em sua razão técnica e tão dramaticamente indigente em sua razão ética”⁷.

Por Modernidade, Lima Vaz define “o universo simbólico formado por razões elaboradas e codificadas na produção intelectual do Ocidente nesses últimos quatro séculos e que se apresentam como racionalmente legitimadas”⁸. Acepção que pretende designar o terreno da urdidura das ideias que vão anunciando, manifestando ou justificando a emergência de novos paradigmas da vida vivida, que são confrontadas na esfera do universo simbólico e que adquirem, nesse confronto, contornos e movimentos próprios que Lima Vaz denomina mundo intelectual.

Para Lima Vaz, a Modernidade moderna é datada do século XVII aos nossos dias. É importante destacar que a característica que a distingue radicalmente da idade clássica, bem como da idade medieval, é o “advento de novo modelo de razão que concede primazia ao polo lógico. Outro traço característico é a emergência de novo sujeito, ativo e criador do próprio mundo”⁹.

A acepção vaziana acerca do *enigma da Modernidade* não se direciona como uma crítica sobre a filosofia e as ciências modernas, mas sobre o problema que surge quando é concedida primazia à razão técnico-científica. E confirma que as ciências trouxeram vários benefícios para a humanidade. Contudo,

o problema surge quando, em vez de ser afirmada como um tipo de racionalidade ao lado de outros, ela passa a reivindicar, no seio das comunidades históricas, a autonomia e a primazia em relação aos demais tipos de racionalidade. Nesse sentido, Lima Vaz esclarece que a razão moderna gerou profunda transformação tanto no que diz respeito às referências do mundo intelectual e simbólico quanto em relação ao mundo objetivo¹⁰.

Cabe ressaltar, portanto, que a filosofia de Lima Vaz em hipótese alguma se caracteriza como uma recusa da Modernidade; ele reconhece os avanços das ciências e da técnica, conferidos pela razão, e os avanços no âmbito dos direitos humanos e no reconhecimento da dignidade humana. Mas enquanto confere os avanços, destaca, também, os desafios enfrentados pela Modernidade no que tange ao desenvolvimento da racionalidade técnico-científica. Essa realidade provoca uma crise de sentido no homem acerca de sua utilidade e uma crise de orientação em meio à abundância das técnicas.

7 VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Ética e Modernidade*. Revista *Síntese*, Belo Horizonte, v. 22, n. 66, p. 53-84, 1995.

8 EFVII, p. 12.

9 OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 31.

10 OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 47.

É nítido perceber que Lima Vaz, em seu itinerário filosófico, está sempre em constante diálogo com a Modernidade, pois buscou “analisar a realidade sociocultural contemporânea e a crise da Modernidade sob os aspectos filosóficos, éticos, políticos e religiosos”¹¹. Procedendo assim, Lima Vaz “situa a questão do *niilismo ético* no centro de suas preocupações”¹², e a filosofa com a intenção de contribuir para a superação do *niilismo metafísico* e *ético*.

Neste sentido, é importante ressaltar, em caráter rememorativo, o contexto e a origem do *niilismo*. A princípio, pode-nos parecer a questão do *niilismo* algo recente, mas, ao longo da história, autores destacam os sofistas, mais precisamente Górgias, como o primeiro niilista, seguido dos céticos. Como se vê, desde os inícios da filosofia ocidental o espectro do *niilismo* ronda a nossa tradição de pensamento. Todavia, mais precisamente a partir do século XIX, esse fenômeno se apresentou sob suas formas mais conhecidas e, talvez, mais assustadoras, a saber, o *niilismo político* e o *niilismo moral*¹³.

Para uma maior compreensão, destaca-se que o *niilismo político* surgiu na Rússia como um movimento que criticava de forma pessimista os fatos sociais e históricos. A afirmação dirigia-se ao âmbito de uma autonomia moral e social, cujo referencial era a satisfação imediata de suas buscas e direitos.

Já o *niilismo moral* tem como referencial primeiro Nietzsche, que aponta a desvalorização da vida, do corpo, dos valores a ponto de o homem perder suas referências, num esgotamento das forças e do sentido de ser e viver, inserindo-se numa crise de valores, numa crise de fundamentos éticos tanto em nível individual como em nível social.

O *niilismo metafísico* é considerado por Lima Vaz um traço importante para compreender o *enigma da Modernidade*. Segundo ele, “a racionalidade técnico-científica, ao estabelecer normas, formular hipóteses, enunciar teorias, verificar leis, propor modelos, simular situações, medir e calcular, conseguiu produzir quantidade enorme de objetos, mas se mostrou incapaz de pensar o simples *estar-no-mundo* do sujeito”¹⁴. Reconhece também que as ciências humanas exercem papel importante, sobretudo no campo da tecnociência, admitindo que essas ciências fornecem elementos importantes para que o homem com-

11 RIBEIRO, Elton Vitoriano. Uma vida a serviço da fé e da razão: Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz. In: *Revista Atualização/BH*. Ano XLI Nº 352. Set/Out. 2001. p. 433-446.

12 PERINE, Marcelo. *Diálogos com a cultura contemporânea*: homenagem ao Pe. Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 2003. p. 57.

13 PERINE, Marcelo. *Diálogos com a cultura contemporânea*: homenagem ao Pe. Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 2003. p. 59.

14 OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha. *Metafísica e ética*: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo. São Paulo: Loyola, 2013. p. 50.

preenda a si mesmo e o mundo, mas sublinha que não respondem às questões últimas do ser humano no que tange ao sentido da vida e às razões de viver¹⁵.

Após essa breve lembrança sobre o *niilismo*, adentra-se na questão propriamente vaziana, que é o *niilismo ético*. Nesse sentido, cabe anunciar que

o niilismo ético pode ser tomado como a chave de compreensão para o que Henrique Vaz chamou de “enigma da modernidade”, que, segundo ele, se traduz no “trágico paradoxo de uma civilização sem ética ou de uma cultura que no seu impetuoso e, aparentemente, irresistível avanço para a universalização, não se fez acompanhar pela formação de um *ethos* igualmente universal, que fosse a expressão simbólica das suas razões de ser e do seu sentido¹⁶.

Nesse aspecto, ressalta Marcelo Perine que

as raízes desse niilismo ético deveriam ser buscadas numa tríplice ruptura apontada por Henrique Vaz: 1) uma ruptura com a estrutura axiológica e normativa do *ethos*, que organiza teleologicamente as estruturas objetivas da socialidade; 2) uma ruptura com a tradição pela primazia do futuro na concepção do tempo na modernidade, que levou ao predomínio do fazer técnico na concepção da ação humana; e, finalmente, 3) uma ruptura com o fundamento transcendente das normas e dos fins da ação humana pela imanentização do *sentido* e do fundamento do *valor* na razão finita e na liberdade situada. Portanto, as raízes do niilismo ético seriam as mesmas da modernidade, forjadas no cerne das revoluções que abalaram todas as estruturas do mundo ocidental a partir do final do século XVI, dentre as quais se inscreve o cartesianismo como a maior revolução filosófica depois de Platão. De fato, afirma Lima Vaz, “é na revolução operada por Descartes na estrutura do pensamento clássico que devem ser buscadas as origens de uma nova ideia da Ética e de uma nova figura da consciência moral”¹⁷.

Para Lima Vaz, a modernidade e o *niilismo ético* na perspectiva de uma análise filosófica apresentam características comuns, a saber, uma profunda transformação da concepção antropológica, que repercutiu na concepção das estruturas do agir humano, tanto na dimensão subjetiva da moralidade como na dimensão objetiva da eticidade ou do existir em comum dos homens¹⁸.

Assim, Lima Vaz define o *niilismo ético* como “a perda do humano no agir e na obra do homem”¹⁹. O homem moderno assiste ao multiplicar de possibilidades de agir, mas

15 Cf. OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 51.

16 PERINE, Marcelo. *Diálogos com a cultura contemporânea: homenagem ao Pe. Henrique C. de Lima Vaz*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 61.

17 PERINE, Marcelo. *Diálogos com a cultura contemporânea: homenagem ao Pe. Henrique C. de Lima Vaz*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 62.

18 Cf. PERINE, Marcelo. *Diálogos com a cultura contemporânea: homenagem ao Pe. Henrique C. de Lima Vaz*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 63.

19 EFIII, p. 96.

se vê ‘perdido’ diante das técnicas e da ciência que ensinam a operar uma infinidade de atividades, mas não ensinam a distinguir quais contribuem e quais não são tão importantes à vida humana. Questão essa que gera uma crise de sentido.

Portanto, sem delongas, o *niilismo ético*, na concepção vaziana, está pautado, como vimos, no campo das ações, pois

a Modernidade é enigmática justamente pelo fato de que, ao conferir primazia à razão técnico-científica, ela teria colocado em segundo plano sua dimensão fundamental: a subjetividade. Em consequência, o século XX teria experimentado a falta de sentido para a existência e a falta de orientação para as ações²⁰.

Eis, portanto, segundo a interpretação de Lima Vaz, a face enigmática da Modernidade pautada no *niilismo metafísico* e no *niilismo ético*. Diante dessa situação de desarticulação e falta de orientação, Lima Vaz propõe uma via alternativa para a superação da questão niilista. A via é uma Ética que se pretenda filosófica.

1.2 A Ética filosófica

Por que uma Ética filosófica? Lima Vaz, na obra *Escritos de Filosofia IV*, proclama a necessidade de uma reflexão histórico-sistemática sobre os temas e problemas fundamentais da Ética filosófica como etapa necessária na busca de soluções para os problemas éticos da humanidade. Para Lima Vaz, a Ética é, fundamentalmente, de natureza filosófica, pois tem como base um estatuto inteligível, próprio e universal, não se reduzindo às condições empíricas do sujeito em seu contexto histórico. Com essa base, ele afirma que

um estudo sobre *Ética* que se pretenda filosófico deve dedicar-se preliminarmente a delinear o contorno semântico dentro do qual o termo *Ética* será designado e a definir assim, em primeira aproximação, o *objeto* ao qual se aplicarão suas investigações e suas reflexões, bem como a caracterizar a natureza e a estabelecer os limites do tipo de conhecimento a ser praticado no estudo da *Ética*²¹.

Lima Vaz inicia sua análise filosófica apontando a crescente expansão do termo Ética nos dias atuais, tanto no aspecto literário como junto aos meios de comunicação de massa. Por outro lado, ele identifica uma “deteriorização semântica do termo nessa sua migração incessante por tantas formas diferentes de linguagem”²² e suavização do seu

20 OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 58.

21 EFIV, p. 11

22 EFIV, p. 11.

significado substancial, o que resulta na crise da Ética no período da passagem da Modernidade para a Contemporaneidade, que é caracterizada como uma crise de valores, como uma perda de sentido da existência e das ações humanas ou como um individualismo sem limites.

Marcos Nobre e José Rego afirmam: “é um tempo de crise ética”²³. E essa crise emerge a partir da crescente produção e consumo de bens materiais, que vem permeando o desenvolvimento cultural da história e desencadeando uma situação conflitante, traduzida numa crise de valores espirituais e num progressivo esmaecer da aceitação do caráter normativo e hierárquico dos bens que conferem à vida o imperativo e a dignidade de um *dever-ser* propriamente humano. Ao transgredir o caráter normativo de sua atividade criadora, o ser humano transgride também os bens e fins que sustentam o *ethos* do seu mundo cultural²⁴.

Dessa realidade paradoxal emergem um relativismo universal e um hedonismo sem limites, como afirma o filósofo, e são esses aspectos que o inquietaram e o surpreenderam. Ao ver o indivíduo perdido em meio a atitudes e comportamento sem referenciais éticos, e com base nessas questões reais, Lima Vaz desenvolve e estrutura o seu pensamento objetivando retomar a compreensão primeira do significado da Ética presente nos grandes mestres clássicos que relacionam Metafísica e Ética e, assim, resgatar o sentido da vida e da *práxis* humana.

Lima Vaz segue um itinerário lógico segundo o qual os temas éticos abordados “dizem respeito a fins, valores, normas de conduta, em suma, a formas de agir especificamente éticas”²⁵. A Ética vaziana, ao mesmo tempo que se pretende filosófica, é também estritamente de cunho crítico, reflexivo e social. Ele estrutura a Ética em dois grandes momentos: a parte *histórica* e a parte *sistemática*. Nos *Escritos de Filosofia IV*, retoma os grandes mestres da Ética ao longo da história e, nos *Escritos de Filosofia V*, reflete a parte *sistemática*, em que estrutura o *agir ético* e a *vida ética*. Isto será mais bem caracterizado no tópico seguinte.

23 NOBRE, Marcos. REGO, José Márcio. *Conversa com os filósofos brasileiros*. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2001. p. 40.

24 Cf. FERREIRA, Márie dos Santos. *O conceito de pessoa humana no pensamento de Lima Vaz*. Fortaleza, 2009, p. 12. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade Estadual do Ceará, 2009.

25 NOBRE, Marcos. REGO, José Márcio. *Conversa com os filósofos brasileiros*. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2001. p. 35.

1.3 A estrutura da Ética sistemática

A compreensão da estrutura sistemática vaziana mostra-se como um “caminho ordenado, dinâmico e aberto de construção racional da realidade”²⁶, aberto às questões atuais. Conhecido, sobretudo, por sua capacidade de dialogar com as diversas áreas do conhecimento, é neste processo metodológico que reside sua notável originalidade, a profunda solidez do filosofar vaziano que é constitutivamente sistemático.

Em suas abordagens temáticas, faz sempre uma “*rememoração* dos grandes modelos do pensamento ético ao longo da história”²⁷. Ao rememorar o pensamento filosófico ocidental, segue, na parte histórica, uma divisão historiográfica dos períodos: Antigo, Medieval, Moderno e Contemporâneo, sempre em articulação unitária com a parte sistemática, nas suas obras *Introdução à Ética Filosófica IV* e *V*. Todas as categorias por ele pensadas se articulam dialeticamente, de forma que as partes por ele investigadas se encaixam no todo do sistema.

Para Lima Vaz, a “rememoração histórica se apresenta como um elemento constitutivo do seu método de filosofar”²⁸. Ele herda o caráter de rememoração de Hegel. A *rememoração* caracteriza dois aspectos básicos para o seu pensar, “*anámnesis* e *noésis*, recordação e pensamento”²⁹. Rubens Godoy considera

impossível estudar o pensamento vaziano sem considerar a relevância por ele dada ao trabalho da rememoração dos problemas filosóficos por ele tratados, pois tal empreitada é um elemento constitutivo do próprio ato de filosofar. E tal característica é uma das mais notórias de todo o seu modo de pensar a filosofia³⁰.

A Ética tem por objeto o “ethos enquanto realidade histórico-social manifestada na *práxis* social e individual ordenada a fins que são os valores nele presentes”³¹. A dialética é assumida por Vaz como um método do filosofar. “A função por excelência do método

26 FERREIRA, Márie dos Santos. *O conceito de pessoa humana no pensamento de Lima Vaz*. Fortaleza, 2009, p. 12. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade Estadual do Ceará, 2009.

27 Cf. FERREIRA, Márie dos Santos. *O conceito de pessoa humana no pensamento de Lima Vaz*. Fortaleza, 2009, p. 12. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade Estadual do Ceará, 2009. Cf. EFIV, p. 9.

28 SAMPAIO, Rubens Godoy. *Metafísica e modernidade: método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 252.

29 SAMPAIO, Rubens Godoy. *Metafísica e modernidade: método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 249.

30 SAMPAIO, Rubens Godoy. *Metafísica e modernidade: método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 258-59.

31 EFV, p. 16.

dialético é reunir, sintetizar, conciliar, congregar e unificar o conhecimento”³². Na estrutura metodológica vaziana destacam-se os momentos da *universalidade*, *particularidade* e *singularidade*, que são conceitos-chave da dialética e se relacionam entre si. A *universalidade* “corresponde ao horizonte formal e abstrato da razão”³³, a *particularidade* “exprime a auto-determinação do conceito, seu livre poder de se realizar na limitação do ente particular”³⁴, e a *singularidade* é “o resultado do processo da compreensão da realidade concreta, o propriamente existente”³⁵. Cada um desses momentos é abordado a partir das estruturas subjetiva, intersubjetiva e objetiva, as quais acompanham o exercício da *Razão Prática*, que mais uma vez caracteriza o movimento dialético. “O significado desses momentos do processo dialético pode ser exemplificado na compreensão do agir moral, ou seja, de uma decisão singular de fazer o bem”³⁶. Por fim, o “caminho dialético” da Ética filosófica, ou seja, do agir humano, parte do “Eu sou” já constituído como pessoa e “percorre os momentos e dimensões de seu agir (*práxis*) como autorrealização de seu ser sob a norma de Bem”³⁷. Nesse sentido, a dialética é, para Lima Vaz, o método por excelência, que articula todo o seu sistema.

32 SAMPAIO, Rubens Godoy. *Metafísica e modernidade: método e estrutura, temas e sistema* em Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 2006. p. 232.

33 MAC DOWELL, João A. Método dialético, história e transcendência no sistema filosófico de Henrique Cláudio de Lima Vaz. In: *Pensadores do século XX*. Delmar Cardoso. p. 227.

34 SAMPAIO, Rubens Godoy. *Metafísica e modernidade: método e estrutura, temas e sistema* em Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 2006. p. 239.

35 MAC DOWELL, João A. Método dialético, história e transcendência no sistema filosófico de Henrique Cláudio de Lima Vaz. In: *Pensadores do século XX*. Delmar Cardoso. p. 227.

36 MAC DOWELL, João A. Método dialético, história e transcendência no sistema filosófico de Henrique Cláudio de Lima Vaz. In: *Pensadores do século XX*. Delmar Cardoso. p. 228.

37 BRITO, Emídio Fontenele. CHANG, Luiz Harding. *Filosofia e Método*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 16.

2 A universalidade subjetiva da *vida ética*

O ponto de partida na compreensão da Ética filosófica vaziana, tanto do *agir ético* como da *vida ética*, tem como pressuposto inicial a dimensão da *universalidade*. Esta é compreendida a partir da realidade concreta do sujeito, ou seja, é articulada a partir da sua relação com o *ethos* e é fundamentada, sobretudo, a partir da categoria da *virtude*, que se expressa a partir da contínua e progressiva ordenação do sujeito ao Bem que se configura por intermédio da sua *práxis*. Lima Vaz afirma, ainda, que a *universalidade* da *vida ética* é pensada a partir da dialética entre o *estático* e o *dinâmico*. Ou seja, a *virtude* é afirmada como algo inerente, como qualidade já existente no sujeito que é por natureza um sujeito bom, por isso *estático* e, ao mesmo tempo, expressa a possibilidade de crescer na *virtude*, por isso *dinâmico*, pois expressa um caminho a ser trilhado, uma meta a ser alcançada em direção ao Bem, para cada vez mais se tornar um sujeito melhor, onde o Bem nunca é totalmente alcançado. O objetivo é perpassar a *universalidade* da *vida ética* apresentando os elementos característicos dessa etapa: a inteligibilidade do *ethos*, a categoria de *virtude* e a problematização histórica e crítica da *virtude*.

2.1 A inteligibilidade do *ethos*

A princípio é mister compreender, no momento da *universalidade*, a inteligibilidade do *ethos*³⁸ articulada na relação com a *Razão prática*. Lima Vaz inicia afirmando que o sujeito “faz uso da razão como *Razão prática* para guiar as suas ações”³⁹ e visa mostrar como “o *indivíduo ético*, no exercício da sua *práxis* concreta, se mostra na sua inteligibilidade, enquanto

38 O termo *ethos*, de origem grega, designado a partir de duas acepções, indicando matizes diferentes da mesma realidade. *Ethos* (com *eta* inicial) é a casa do homem. Representa os costumes adquiridos pelo indivíduo e os costumes favorecem ao homem um estilo de vida e de ação, indica o conjunto de costumes normativos da vida de um grupo social. *Ethos* com *epsilon* diz respeito ao comportamento que resulta de um constante repetir-se dos mesmos atos. Cf. Conferir *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura* e *Escritos de Filosofia IV: Introdução a Ética filosófica 1*.

39 EFV, p. 141.

sujeito da estrutura e do movimento dialético da *Razão prática*⁴⁰. Nesse sentido, completa que a *Razão prática* no *indivíduo* é a “forma própria da sua participação no *ethos* ou na tradição ética em que está necessariamente inserido”⁴¹, pois o sujeito, enquanto ser dotado de razão e situado em uma determinada comunidade que vive e representa os hábitos e costumes, expressa uma *forma de vida*. Isso vai possibilitar ao sujeito uma ação orientada pela razão a fim de afirmá-lo como agente possuidor da *virtude*.

No momento da *universalidade*, a “*Razão prática* inicialmente opera instituindo um domínio de inteligibilidade fundamental do qual o *ethos*, como estrutura constitutiva da natureza humana no seu acontecer histórico, recebe uma “unidade de significação”⁴², podendo assim

tornar-se *objeto* não só desse saber específico que é o saber imanente da *práxis* humana como tal (*saber ético*) do qual provém a *Ética*, mas igualmente das ciências humanas que empreendem, presumindo essa unidade de significação, um estudo comparativo das diferentes tradições éticas⁴³.

É papel da *Ética* filosófica explicitar a inteligibilidade fundamental que confere ao *ethos* uma “unidade de significação” que vem a se caracterizar como *forma* da *práxis* e da *vida ética*. É no momento da *universalidade* que se “deve exprimir a razão primeira de possibilidade da formação histórica do *ethos* e, portanto, da forma de razão segundo a qual o indivíduo age de acordo com o *ethos* ou ordena a sua *práxis* segundo as prescrições do *ethos* e que se denomina justamente *Razão prática*”⁴⁴.

Cabe ressaltar que, para Lima Vaz, sem a compreensão da teleologia imanente da Razão (Bem como Fim do agir), no seu aspecto prático é impossível explicar o surgimento histórico do *ethos* e, conseqüentemente, a vinculação do agir do indivíduo à sua tradição ética. Assim, “o fim da *práxis* é a autorrealização do sujeito pela consecução do *bem* que lhe é conveniente, [...] e a *Razão prática* é, essencialmente, norma de um agir segundo o melhor, ou seja, é agir segundo o *ethos*”⁴⁵.

Podemos afirmar que a *Ética* tem por objetivo o *ethos* enquanto realidade normativa *histórico-social* que se manifesta na *práxis* social e individual, sempre orientada pelos valores nele presentes, cuja finalidade é

40 EFV, p. 141.

41 EFV, p. 141.

42 EFV, p. 142.

43 EFV, p. 142.

44 EFV, p. 143.

45 EFV, p. 33.

explicitar a universalidade da racionalidade imanente no *ethos*, em meio à sua contingência histórica, aos determinismos da natureza e à singularidade da situação em que se dá o agir ético; e por método a dialética que articula as categorias éticas fundamentais em sistema aberto⁴⁶.

Assim, no esboço da fenomenologia do *ethos*, assim conceitua Lima Vaz:

o *ethos* como *costume* é, para o indivíduo, a um tempo, norma de sua *práxis* ou conduta e estrutura simbólica que permite à *práxis* eticamente ordenada ser socialmente reconhecida e legitimada. A *práxis* isolada, porém, é uma *abstração*. Ela é ato de uma *vida concreta* que, como vida, é um processo de crescimento que tende a uma plenitude ou vida perfeita⁴⁷.

Após situar o conceito *ethos*, avançando na reflexão, Lima Vaz assinala uma explicação filosófica do *ethos* em que estabelece a dialética entre os conceitos fundamentais da *vida ética*, que são o *ethos*, a *práxis* e a *hexis*, traduzindo esses conceitos gregos para os termos *costume*, *agir* e *hábito*. O *ethos* é entendido como os costumes universais dos valores e do Bem; a *práxis* refere-se ao sujeito que se relaciona com esses valores universais e decide praticá-los; e a *hexis* alude aos hábitos assumidos pelo sujeito, certo de que estão de acordo com o Bem e a verdade. Assim,

a *práxis* existe em continuidade de uma *vida* tendo como *forma* justamente a *hexis*. Há aqui um duplo movimento de negação: a *universalidade* do *ethos* é negada em sua abstração pela *particularidade* da *práxis* individual e essa, por sua vez, é negada em seu isolamento abstrato pela *singularidade* da vida ética segundo a qual o indivíduo existe como *indivíduo ético* no seio da *comunidade ética*⁴⁸.

Evidencia-se, assim, uma relação dialética entre *essência e existência*, *práxis e hexis*; ambas, segundo Lima Vaz, recebem do *ethos* as normas, os valores e os fins, ou seja, o conteúdo essencial. Por sua vez, na recíproca vaziana, o *ethos* recebe da *práxis* e da *hexis* o seu *existir* concreto; em outras palavras, ambas estão intrinsecamente interligadas seja pela *existência*, seja pela *essência*.

Os conceitos apresentados estabelecem as causas do modo de operar da razão, causas assim determinadas como: a *causa formal*⁴⁹ é o *ethos*, a *causa eficiente* é a *práxis* e a *causa final* é a *hexis*, todas pautadas no bem do indivíduo. Conclui Lima Vaz, “o *sentido* ético da *práxis* e da *hexis* provém do *ethos*, a permanência do *ethos* é assegurada pela *práxis* e pela *hexis*”⁵⁰.

46 TOLEDO, Cláudia. Estrutura da relação entre Ética e Direito no Pensamento de Lima Vaz. In: Revista da Escola Superior Dom Helder Câmara, *Veredas do Direito*, n° 02 – jan./jun. 2004.

47 EFV, p. 144.

48 EFV, p. 145.

49 Cabe aqui ressaltar que essa relação de intercausalidade (causa formal, causa eficiente e causa final) é abordada por Aristóteles.

50 EFV, p. 146.

A partir dessa compreensão, ou seja, percorrido o modo de operar da *Razão prática*, pode-se, segundo Vaz, percorrer tranquilamente os caminhos da reflexão do “*ethos* como forma de existência humana⁵¹”, agora constituído e inserido propriamente na *vida ética*. Contudo,

é a *forma* do *ethos* que liberta a vida ética do indivíduo tanto do simples arbítrio quanto do domínio que sobre ele podem exercer fatores condicionantes do seu agir seja intrínsecos, como as pulsões afetivas, seja extrínsecos, como pressões sociais, culturais e outras⁵².

A Ética filosófica confere ao *ethos* uma “unidade de significação” e, como tal, a torna *forma* da *práxis* e da *vida éticas*. Por isso, no momento da *universalidade*, o *ethos* transcende o aspecto particular dos *ethea* históricos, consagrando o caráter dialético motriz do pensamento vaziano.

Após essa breve explanação, em âmbito geral, sobre o *ethos*, damos um passo a mais na direção da *vida ética*. Adentramos agora em uma categoria que atesta no âmbito da *universalidade* sua *existência* concreta na ética, ou seja, a *virtude*. Toda a prática ética se traduz, na sua continuidade, como exercício de uma *virtude*.

2.2 A categoria da virtude

A categoria da *virtude* tem um lugar importante na filosofia vaziana e se apresenta como a categoria fundamental da *vida ética*. A *virtude* é regida pela *Razão Prática* que opera na *vida ética* do sujeito individual e da comunidade. Portanto,

articulada na continuidade da vida, ou seja, a partir da própria existência concreta do vivente, a universalidade da razão prática é pensada por Lima Vaz a partir da categoria de virtude. E esta se constitui como expressão dialética da *universalidade* da vida ética. Ela exprime justamente a contínua e progressiva ordenação do sujeito ao horizonte do Bem através de sua *práxis*⁵³.

Virtudes são aqui identificadas como qualidade do indivíduo e como possibilidade para seu crescimento contínuo ante a existência humana na vivência individual e comunitária em busca da autorrealização, onde o mesmo busca e se orienta continuamente para progredir no seu agir segundo a *virtude*.

O filósofo explica também que a *vida ética*, na *universalidade*, caracteriza-se pela dialética entre o *estático* e o *dinâmico*. Comenta Cláudia Oliveira:

51 EFV, p. 146.

52 EFV, p. 146.

53 OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 213.

entendida como qualidade do sujeito bom, a virtude é afirmada como algo já possuído e, em consequência e em certo sentido, como algo estático. Mas, por outro lado, na medida em que exprime o sujeito bom em movimento contínuo de crescimento ordenado ao Bem, a virtude é afirmada em seu dinamismo como algo ainda a ser alcançado. Por mais que o sujeito possa ser dito virtuoso, isso não significa que ele já tenha alcançado a perfeição. Sua bondade pode continuamente se tornar melhor. Portanto, a vida ética se caracteriza pelo contínuo e progressivo movimento em direção ao Bem, onde o Bem nunca é completamente alcançado⁵⁴.

Nesse sentido, Lima Vaz afirma que “a virtude é uma posse permanente do sujeito ético, operando, porém, de sorte a torná-lo sempre outro na diferença com que tende a realizar sempre melhor a *enteléquia* ou a perfeição da sua orientação para o Bem”⁵⁵.

Lima Vaz faz uma *rememoração* do termo *virtude* e afirma que sua significação se faz presente desde os primórdios da Ética, evidenciada desde os diálogos socráticos, por Aristóteles nas suas Éticas, sob a égide de *areté*, que em grego designa a *excelência*, e *virtus*, que em latim representa uma qualidade física de *força*. Ambas são empregadas para designar o agir ético, pautadas, respectivamente, a *areté* no *eidos* do Bem realizado e a *virtus* na força de realização do Bem.

Na Ética clássica a noção de *virtude* proporcionou uma estrutura de sustentação do discurso universal da *vida ética* e também a possibilidade de compreensão das diferentes concepções dessa expressão encontradas nas éticas platônica e aristotélica, nas éticas helenísticas e na ética cristã.

Partindo dessa noção de *virtude*, Lima Vaz retoma as virtudes que a tradição denominou de cardeais: *fortaleza*, *temperança*, *sabedoria* e *justiça*. Elas são consideradas os fundamentos da vida ética, compõem o alicerce da Ética entendida como disciplina teórico-prática da *vida ética* e são herdadas da tradição clássica em que também são definidas como os “eixos de sustentação” que abrem as portas da “vida no Bem”. As virtudes cardeais estruturam o estilo dialético da universalidade da vida ética. E, dessa acepção, parte do vivente ético que, enquanto ser existente, é dotado de razão e afirma:

a *vida ética* deve definir-se, portanto, como ordenação permanente desses movimentos elementares da vida vivida concretamente pelo ser humano, ordenação essa que só pode proceder da faculdade ordenadora por definição: o *logos* ou *razão*.⁵⁶

Dando um passo a mais na compreensão dialética da *universalidade subjetiva* da *vida ética* tendo como pressuposto a categoria da *virtude*, no momento da *universalidade* as vir-

54 OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 213.

55 EFV, p. 158-159.

56 EFV, p. 150-151.

tudes cardeais, Lima Vaz define e pontua a tarefa de cada uma e a contribuição de ambas para a compreensão do todo⁵⁷.

É na Modernidade que a noção de *virtude* sofre uma profunda inflexão conceptual, devido ao desaparecimento progressivo da teleologia do Bem, seguido por um individualismo ético. O desaparecimento da teleologia do Bem provocou consequentemente uma mudança na forma de compreender a natureza da *virtude* na contemporaneidade. Kant concebe a *virtude* sob um prisma diferente da *areté* grega, como vemos na sua obra *Metafísica dos costumes*, em que define a *virtude* como a “força moral da vontade de um homem no cumprimento de seu dever”⁵⁸.

A *identidade na diferença* constitui-se, de certa forma, a partir do momento em que o sujeito se reconhece limitado e finito e que sua ação sempre esbarra na intenção, ou seja, no plano intencional, pois a *Ração prática* caminha na direção da identidade entre a *práxis* e a Verdade e o Bem. E assim, a identidade na diferença faz com que a virtude seja uma constante busca, sempre algo a ser conquistado.

Ainda no campo da *identidade na diferença*, Lima Vaz apresenta a partir de Aristóteles dois problemas da *virtude*. O primeiro formula-se a partir da redução à *unidade* das diferentes virtudes. Para isso, parte de uma visão antropológica, em que o estagirita expõe a divisão das virtudes em *virtudes éticas*, que modelam o “caráter” do indivíduo, e as *virtudes dianoéticas*, adquiridas pelo exercício da razão. O nosso filósofo afirma, a partir dessa divisão aristotélica, que são as *virtudes dianoéticas* que “asseguram a *unidade* permanente da vida ética na *pluralidade* das virtudes”⁵⁹. Já Hegel, tentando articular a moralidade com a vida ética concreta, define a virtude como a personalidade ética, ou seja, a subjetividade penetrada pela vida substancial. Com Max Scheler, há uma retomada do conceito de virtude, e a partir de então o problema da *virtude* volta a ser destaque na reflexão ética. Dessa rememoração cabe ressaltar que “Lima Vaz tenta reagir reinterpretando a noção aristotélica de *práxis* e o significado aristotélico do *ethos* como lugar concreto e histórico da realização humana pela prática das virtudes”⁶⁰.

2.3 Problematização histórica e crítica da *virtude*

Lima Vaz, após determinar a categoria da *virtude* pela *rememoração* filosófica, problematiza esta categoria em dois momentos consecutivos: o *histórico*, em que observa como

57 Cf. EFV, p. 151.

58 EFV, p. 152.

59 EFV, p.154.

60 RIBEIRO, Elton. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Loyola, 2012, p. 172.

se deu essa experiência no passado, tendo como padrão pressuposto a problemática do *niilismo ético* hodierno e que ele recupera na temática da *virtude*; e o *crítico*, em que ele questiona o *niilismo ético* visando a um aprofundamento sobre a *práxis* humana. Ele subdivide este momento em dois momentos subsequentes: o momento *eidético* (*eidos* = forma), em que analisa os dados obtidos na reflexão anterior, e o momento *tético* (*thesis* = posição), em que reflete sobre a mediação transcendental do sujeito que age segundo a *Razão prática*.

A primeira experiência histórica foi o aspecto *aporético* ou problemático presente no discurso entre os sofistas e Sócrates em torno do conceito da *virtude*. Platão pontua uma primeira solução no programa de uma *paideia* que dirige o conhecimento e prática do Bem, ou seja, que unifica a vida virtuosa na contemplação da Ideia do Bem. Aristóteles configura a interrogação sobre a unidade e a natureza da *virtude*, uma solução que permanece como paradigma para toda a história da Ética. Para o estagirita, “a *virtude* (*areté*) é entendida como um ato (*enérgeia*) ou como perfeição do agente virtuoso”⁶¹. Nesse sentido, Aristóteles apresenta a clássica divisão das virtudes em virtudes *éticas*, que, herdadas da tradição do *ethos*, modelam o “caráter” do indivíduo, e as virtudes *dianoéticas*, que são adquiridas pelo exercício da reflexão. Afirmar Lima Vaz que as virtudes *éticas* são adquiridas pelo hábito e estão sujeitas à regra da “vida no bem” e que as virtudes *dianoéticas*, que são frutos do entendimento, exercem uma diretriz no discernimento dos *meios* e sua referência ao *fim* e no conhecimento do *fim*⁶². Dessa forma, Lima Vaz, ao seguir o pensamento aristotélico, afirma que as virtudes *dianoéticas* são as virtudes da razão, as quais “asseguram a *unidade* permanente da vida ética na *pluralidade* das virtudes”⁶³.

O segundo problema trata da *natureza da virtude*, a qual tem caráter ontológico da ação humana e considera dois aspectos primordiais: primeiramente o agir enquanto perfeição do agente ou a afirmação da identidade e o agir que assegura essa identidade pela mudança ou pelo crescimento, que certifica o sujeito como *ser vivo* que vive segundo o uso da razão. Agir segundo a razão pode significar agir livremente. Esse sentido apresentado caracteriza a dialética da *identidade na diferença*.

Um aspecto importante na acepção de *natureza da virtude* Lima Vaz retoma de Aristóteles: a distinção entre *ato* (*enérgeia*) e a categoria de *hábito* (*hexis*). Nesse contexto, a capacidade de agir (*dýnamis*) é atribuída essencialmente ao homem, pois somente ele é “capaz de uma atividade imanente que tende à própria conservação e ao próprio crescimento”⁶⁴ que proporciona avançar sempre mais no caminho da perfeição graças ao exercício da *dýnamis*.

61 EFV, p. 153.

62 CF. EFV, p. 154.

63 EFV, p. 154.

64 EFV, p. 155.

Após fazer a *aporética histórica*⁶⁵, Lima Vaz avança o pensamento para a *aporética crítica*, etapa em que são feitas perguntas referidas antes ao contexto problemático na atualidade histórica da pré-compreensão e da compreensão explicativa. Essa etapa caracteriza-se pelas seguintes perguntas: “Como se formula a questão?”, ou ainda: “Como a questão se formula hoje para nós?” Ela se subdivide em dois momentos fundamentais: o momento *eidético* e o momento *tético*⁶⁶, os quais, por sua vez, se configuram sob dois princípios: o princípio de *limitação eidética* e o princípio da *ilimitação tética*. Lima Vaz explica:

o princípio de *limitação eidética* corresponde ao caráter não intuitivo de nosso conhecimento intelectual, enquanto capta o objeto sob aspectos determinados (*eidos*), expressos nos conceitos. [...] Este princípio implica, portanto, a pluralidade das categorias, que fornecem a inteligibilidade do ente sob aspectos complementares, bem como a necessidade de articulá-las no discurso dialético⁶⁷.

O princípio da *ilimitação tética*

trata da constatação do dinamismo da inteligência humana, aberta para o horizonte ilimitado do ser num movimento de contínua superação da compreensão dos aspectos particulares (eidéticos) da realidade. [...] O princípio de ilimitação introduz, assim, a negatividade no plano eidético, dando origem à oposição entre as categorias, que leva adiante o movimento dialético do discurso⁶⁸.

Destarte, a *limitação eidética* exprime a conclusão do raciocínio lógico em busca da *essência*; para isso Lima Vaz fez todo o percurso sobre a temática da *virtude* para chegar ao momento da sua *essência*. Ele centra sua atenção “na noção de *dýnamis* ou potência ativa que, sendo uma qualidade, manifesta a riqueza *ontológica* do sujeito e é, nele, um *ato* (*enérgeia*) ordenado justamente à realização *existencial* da perfeição da sua *essência*”⁶⁹. E afirma que essa realização se cumpre no *agir* do sujeito, como tendência imanente para a dinâmica da vida.

No momento da *ilimitação tética*, Lima Vaz reflete que a “*hexis* não é mais do que a *enérgeia* da *Razão prática* continuada e em progresso que, na sucessão e na identidade qualitativa sempre maior de seus atos, permanece sempre a *mesma identidade* da sua orientação

65 A *aporética histórica* é a recuperação temática do problema em questão mediante o acompanhamento das várias respostas que já foram dadas ao longo da história. SAMPAIO. Rubens Godoy. *Metafísica e Modernidade*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 265.

66 Cf. SAMPAIO. Rubens Godoy. *Metafísica e Modernidade*. Método e estrutura, temas e sistemas em Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 2006. p. 265.

67 MACDOWELL. João A. O pensamento do Padre Lima Vaz no contexto da Filosofia Contemporânea no Brasil. In: *Revista Portuguesa de Filosofia* T67, Fasc. 2, p. 231-253, 2011.

68 MACDOWELL. João A. O pensamento do Padre Lima Vaz no contexto da Filosofia Contemporânea no Brasil. In: *Revista Portuguesa de Filosofia* T67, Fasc. 2, p. 231-253, 2011.

69 EFV, p. 157.

fundamental para o horizonte do Bem”⁷⁰. A *virtude* se caracteriza, então, como uma posse permanente e contínua do sujeito ético. Nisso consiste a *natureza da virtude (areté)* como a categoria fundamental da *vida ética*.

Concluindo, percebe-se que o movimento dialético evidenciou os “invariantes ônticos” que constituem o momento da *universalidade* na estrutura subjetiva da *vida ética*. Com efeito, o *Ethos* como elemento constituinte do indivíduo inserido no mundo é o espaço em que ele experimenta e vive a dinâmica dos costumes e dos hábitos. É exatamente através da *Razão prática* que se estabelece o diálogo sobre a formação histórica do *ethos* como forma simbólica e a sua atualização na *práxis* do sujeito ético. A categoria de *virtude* regida pela *Razão Prática* opera na *vida ética* do sujeito e da comunidade, ordenando a ação do homem tanto em nível individual quanto social, em busca do fim que é a prática da Justiça, Bem comunitário.

70 EFV, p. 158.

3 A particularidade subjetiva da *vida ética*

Na Ética filosófica vaziana a dimensão da *particularidade* corresponde ao segundo momento da apresentação das estruturas e tem como tarefa a mediação entre os momentos lógicos da universalidade e da singularidade. Embora Lima Vaz as separe, cada uma tem uma tarefa específica na determinação do todo. Como afirma Sampaio,

o particular é a negação da racionalidade universal, indeterminada e abstrata. É o momento da determinação ou da negação, no seio da universalidade. O movimento dialético é todo interior ao conceito, à racionalidade do real. Portanto, a particularidade exprime a autodeterminação do conceito, seu livre poder de se realizar na limitação do ser particular⁷¹.

Como vimos, a função propriamente da *particularidade* é fazer a mediação entre o universal e o singular, pois o momento da universalidade se caracteriza pela inteligibilidade do *ethos* e da categoria da *virtude* que corresponde ao horizonte formal e abstrato da razão, onde nada pode ser compreendido senão a partir de uma perspectiva universal, que se apresenta ao mesmo tempo indeterminada.

Contudo, no contexto desta racionalidade universal, percebe-se que o homem não possui uma racionalidade atemporal, pois enquanto sujeito histórico e ativo encontra-se situado em determinado espaço e tempo, ou seja, no aqui e agora, que são determinados pela particularidade⁷². Nesse sentido, trata-se de um

momento mediador não apenas como intermediário entre a universalidade e a singularidade no nível do movimento conceptual da *Razão prática*, mas também *objetivamente*, enquanto pondera e escolhe os bens que são meios para alcançar o bem final⁷³.

A *particularidade*, como um momento mediador dos princípios universais e da ação singular, integra ao seu processo de efetivação as condições constitutivas do sujeito, in-

71 SAMPAIO, Rubens Godoy, *Metafísica e Modernidade: método e estrutura, temas e sistema* em Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 239.

72 Cf. MAC DOWELL, João A. Método dialético, história e transcendência no sistema filosófico de Henrique Cláudio de Lima Vaz. In: *Pensadores do século XX*. CARDOSO, Delmar (Org.). São Paulo: Loyola, p. 227.

73 EFV, p. 45.

trínsecas ou extrínsecas, como as atividades psicológica, social, cultural, que caracterizam a *situação* na qual o homem se encontra enquanto ser vivente, racional e livre situado no mundo (*estar-no-mundo*) e em relação com o Outro (*estar-com-o-outro*), pois o ser humano é um ser estruturalmente *situado*.

É importante ressaltar que a reflexão filosófica sobre o exercício da *Razão prática* no momento da particularidade tem suas bases na ação concreta seja por meio de atitudes, seja pelos modos de vida expressos nas formas de linguagem, nas ações éticas, ou, ainda, quando se fazem presentes na vida do sujeito as normas e valores do *ethos* vivido.

Portanto, o momento da *particularidade* no exercício da *Razão prática*, na *vida ética*, tem como ponto de partida a inter-relação entre o *ethos* e a *práxis*. Em outras palavras, a *particularidade* permite ao sujeito agir e viver de acordo com seus costumes e hábitos de forma virtuosa na *situação* em que se encontra situado.

Compreendido isso, adentramos agora na compreensão do conceito de *situação*, como constituinte basilar do momento da *particularidade* lógica da *vida ética*, onde Lima Vaz reflete sobre as condições situacionais que modelam as relações do homem como *ser-no-mundo* e *ser-com-os-outros*. Objetiva-se compreender o movimento dialético constitutivo do conceito da *situação*.

3.1 A situação: experiência da Finitude

A compreensão do processo dialético vaziano da *suprassunção da universalidade* pela *particularidade* (herança hegeliana) caracteriza-se pela passagem da *Virtude* (categoria fundamental apresentada anteriormente) para a *particularidade*, que tem como elemento fundante a compreensão da *situação* na qual o sujeito se encontra. Por conseguinte, discorrer-se-á sobre a efetivação das virtudes na vida do homem que está situado em um determinado lugar e tempo.

No desenvolvimento da problemática, Lima Vaz inicia pela *rememoração histórica* do conceito de *situação* e afirma que ele não é algo novo, mas se faz presente desde os inícios da filosofia, notadamente em Aristóteles, que entre as categorias enumerou a categoria de “lugar” como o horizonte da compreensão e que “corresponde à localização da substância no espaço, onde também se refere à *situação cósmica* em seu sentido mais imediato, englobando, nesse aspecto, o homem”.

Porém, Lima Vaz alarga a compreensão para além de Aristóteles e afirma que o termo *situação* “apresenta-se como um dado antropológico fundamental e orientando já

desde os inícios da reflexão sobre o ser humano: sua natureza, as formas de sua atividade e seu destino”⁷⁴, que se torna o centro da análise da compreensão humana.

Nesse sentido, entende-se a categoria da *situação* como o momento reflexivo sobre o homem enquanto ser que está situado no mundo e em constante relação com o mundo e com o Outro. Assim, “o *ser-em-situação* é a primeira e fundamental determinação ou *particularização* da natureza universal do ser humano como ser racional e livre”⁷⁵. Isso atesta que o homem racional e livre está inserido em uma realidade concreta, a caracterizar o mundo, a comunidade que implica relações, expressas na dimensão social, individual e com as coisas.

Outro aspecto importante ressaltado por Lima Vaz é o caráter de finitude do homem que se expressa pelo seu *estar-no-mundo* e pelo seu *estar-com-o-outro*, elementos que o constituem um ser estruturalmente situado no mundo e em constante relação.

Esse aspecto do homem enquanto ser de relação, ou *ser-em-situação*, Lima Vaz apresenta estruturalmente na sua obra *Antropologia Filosófica II*, na qual aborda detalhadamente a estrutura do homem a partir de três dimensões da sua estrutura: a categoria da *objetividade*, que apresenta o homem enquanto ser de relação com o mundo; a categoria da *intersubjetividade*, que implica a alteridade, ou seja, a relação com o Outro; e a categoria da *transcendência*, a relação com o Absoluto⁷⁶.

Com isso, Lima Vaz afirma que é a partir dessas categorias expressas que o homem se encontra primeiramente numa *situação metafísica* a qual é determinada pela sua finitude ontológica da qual procede a necessária relação com a *transcendência*, em que o homem “suprassume, isto é, funda o seu *ser-no-mundo* e o seu *ser-com-o-outro*, ou seja, o seu *ser-em-situação*”⁷⁷.

As categorias de relação, segundo Lima Vaz,

descrevem o itinerário dialético do sujeito ao buscar novas formas do seu auto-exprimir-se e de sua autocompreensão na saída de si mesmo, no êxodo que o leva além das fronteiras da sua finitude e do seu ser *situado* e o conduz a afirmar seu ser como *ser-no-mundo* e *ser-com-o-outro*⁷⁸.

Identificado o conceito de *situação* como o fundamento da *particularidade*, a partir do exercício da *Razão prática* do sujeito, enquanto ser em determinado lugar e espaço, expressos a partir da vivência concreta do *ethos* e das *virtudes*, dá-se um passo a mais agora para compreender a hermenêutica da *situação* pensada por Lima Vaz.

74 EFV, p. 160.

75 EFV, p. 159.

76 Cf. AF II, p. 142.

77 AF II, p. 142.

78 AF II, p. 96.

3.2 A hermenêutica da *situação*

O método dialético desenvolvido por Lima Vaz inicia sempre com o momento rememorativo, em que ele retoma e interpreta os conceitos tradicionais como uma busca de respostas aos problemas éticos e, assim, avança na reflexão. Nesse aspecto, na hermenêutica da *situação*, o filósofo procede de modo comparativo entre os conceitos da Antropologia antiga e moderna e da Ética antiga e moderna.

O ponto de partida é a concepção antiga do ser humano e do seu agir. Aqui se evidencia a *situação* orientada ao sentido da *transcendência*⁷⁹, cujo objetivo é “indicar ao indivíduo o caminho da libertação da sua condição finita como indivíduo situado na obscuridade da matéria, no fluxo incessante do tempo, nos azares da fortuna”⁸⁰. Ou seja, propõe o momento de superação do indivíduo situado na obscuridade do mundo sensível ou, ainda, “pretende designar aqui a forma de uma relação entre o sujeito situado enquanto pensado no movimento de sua autoafirmação”⁸¹.

Contudo, a linha dominante da reflexão filosófica no pensamento antigo referente à *situação* do ser humano no mundo estava condicionada à dimensão *metafísica* ou ao paradoxo do ser *finito* que se mostrava capaz de através do uso da razão chegar ao nível da contemplação da totalidade do ser, das razões dos seus seres e do seu Princípio. Ao alcançar a contemplação o indivíduo libertar-se-ia da situação mundana na qual estava imerso.

Assim, na perspectiva da *situação* do ser humano pensado a partir da sua condição imediata de presença no mundo, ou seja, do estar no mundo, seja ele natural, seja social, é caracterizado como uma dialética de superação do imanente vivido como possibilidade de mudança e desordem em perspectiva de um *além* transcendente buscado como permanência e ordem.

Do ponto de vista da análise filosófica, a primazia atribuída pelo pensamento antigo à *situação* do sujeito do *agir ético* na sua condição mundana abrange importância decisiva na concepção da *vida ética*. Para Lima Vaz, essas mudanças acontecem a partir da concepção de *inteligência espiritual*⁸² e representam uma profunda mudança com relação ao pensamento metafísico da tradição clássica e da modernidade, de transformação do *ethos* nos últimos anos na civilização ocidental.

A partir de agora, a hermenêutica da *situação*, nesse novo contexto cultural, move-se sempre mais na direção do vetor antropocêntrico que passa a orientar toda a cultura. Imerso no clima *pós-metafísico*, a *situação*

79 Sobre a categoria da Transcendência. Cf. AF II, p. 93-125.

80 EFV, p. 160-161.

81 AF II, p. 93.

82 Sobre a Inteligência espiritual conferir AF I, p. 245-289.

passa a ser uma categoria determinante das condições mundana e sócio-histórica que traçam o horizonte último da existência humana. [...] se apresenta como fundamento e justificação da escala de valores a ser estabelecida na vida de cada um e das decisões cujas razões ou motivações referem-se unicamente às *situações* vividas pelo indivíduo⁸³.

Nesse sentido, a teleologia do Bem objetivo cede lugar ao “aqui e agora” da *situação*. Essa concepção foi desenvolvida, sobretudo, pela corrente filosófica representada por Karl Jaspers, Sartre, Gabriel Marcel, onde cada qual define o *ser-em-situação*, inspirando, assim, a ideia de uma *Ética da situação* como proposta de superação da Ética clássica dos princípios.

3.3 Da situação à transcendência: a deliberação

No momento da *particularidade subjetiva* da *vida ética* o conceito de *situação*, enquanto vivido pelo indivíduo,

deve ser pensado primeiramente como *determinação* da *universalidade* da Razão prática que orienta teleologicamente o *agir ético* para o horizonte do Bem universal e torna possível o consentimento do sujeito ao Bem como *valor*⁸⁴.

Para Lima Vaz a teleologia do Bem decorre da dimensão teórica da *Razão prática* e, nesse sentido, move o sujeito a uma abertura intencional à *universalidade* do ser, onde o Bem é definido como atributo transcendental do Ser, portanto, universal. Por isso, em razão da finitude ontológica do homem, o Bem é intencionado para uma multiplicidade de *bens finitos*. Isso significa dizer que a finitude do sujeito se manifesta, na ótica da metafísica, “na ordem do agir por meio do seu estar-no-mundo e do seu estar-na-história”⁸⁵.

Procedendo assim, Lima Vaz distingue a *particularidade* da *vida ética* que, ao realizar-se concretamente nas situações mundana e histórico-social, confirma a finitude ontológica do sujeito. Eis mais um momento de superação vaziana, pois o nosso filósofo pontua sua reflexão no movimento *dialético* e esse aspecto se expressa na *determinação* intrínseca ou *causal*, assim esquematizada:

Causa *formal* = razão; *eficiente* = vontade; *final* = Bem, com que a ordenação *universal* ao Bem é vivida nas *situações* mundana e histórica por meio da deliberação dos bens *particulares* que se alinham

83 EFV, p. 162.

84 EFV, p. 164.

85 EFV, p. 164. Aqui Lima Vaz apresenta a distinção entre *ser* e *estar* apresenta-se particularmente a análise da *situação*. O *ser* denota identidade e permanência, o *estar* diferença e mudança.

na intenção do Bem *universal*, e da escolha dos *bens* que representam para o sujeito um avançar no dinamismo do *melhor* ou da *vida no Bem*⁸⁶.

Portanto, a corroboração da *situação* no *aqui* que representa o indivíduo no mundo e da *situação* no *agora* que o mergulha na história, esse nível de compreensão só pode ser alcançado, segundo Lima Vaz, em uma significação ética se admitirmos que essas *situações* mundana e histórica estão subjacentes à *situação metafísica*, entendida aqui em face antropológica da compreensão do Eu para o Bem.

Assim, o momento da *particularidade* da *vida ética* deve ser definido “pela *suprassunção* ou elevação dialética do *estar no mundo* e do *estar na história* do sujeito ético ao nível do movimento da Razão prática em ordem de *singularidade* do ato virtuoso como ato de *vida no Bem*”⁸⁷. Esse operar da *suprassunção* é identidade da Razão prática que age conforme a deliberação e discernimento, pela escolha que atesta a passagem da ordenação *abstrata*, identificada pela *universalidade* ao Bem efetivado na concretude da vida vivida⁸⁸. É uma passagem, cuja efetivação se dá na passagem dos princípios para a ação, apontando ao sujeito ético a sua capacidade de agir segundo o *bem*.

Lima Vaz caracteriza essa passagem como “tópica da *vida ética* constituída estruturalmente, pelos atos da *Razão prática* que delibera e escolhe e, de outro lado, pelas particularidades da *situação* (mundo e história)”⁸⁹, onde a tópica da *vida ética* tem como constituinte a integração das condições na ordem *causal* da *Razão prática* do agir livre e racional que se prolonga no sujeito como uma vida vivida a partir das virtudes ou de uma vida vivida no Bem. E a tópica da *vida ética* se desdobra em três dimensões: *teleológica*, *axiológica* e *normativa*. Nesse momento, Lima Vaz afirma que

as *situações* condicionantes do agir do indivíduo, ou seja, o seu *estar-no-mundo* e o seu *estar-na-história*, que ao serem suprassumidas na tópica da *vida ética* são penetradas pelo dinamismo do Fim, pelo discernimento do Valor e pela regra da Razão reta⁹⁰.

Assim, a tópica da vida ética se constitui das *condições* na ordem *causal* da Razão prática, que a partir da dialética do agir racional e livre do sujeito faz uma busca constante e contínua por uma *vida virtuosa* ou vida no Bem. Esse momento nos confirma mais uma vez a passagem da *universalidade* para a *particularidade*.

Como elemento conclusivo da reflexão vaziana sobre a *particularidade subjetiva* da *vida ética*, a caracterizar o conceito de *situação*, apresentam-se as condições do *agir ético*: a

86 EFV, p. 164.

87 EFV, p. 164.

88 Para uma maior compreensão dessa passagem aqui expressa por Lima Vaz, Cf. EFV, p. 29-38.

89 EFV, p. 165.

90 EFV, p. 165.

deliberação e a escolha, que são exercidas na realidade concreta da *situação* na qual o sujeito se encontra. Como vimos, o sujeito se encontra sempre situado em algum lugar e, como Lima Vaz especifica, no mundo, na comunidade, essas condições do *agir ético* por vezes se apresentam como complexas e ambíguas.

Segundo Lima Vaz, na *particularidade* a deliberação e a escolha “têm em vista prioritariamente o *caminho* para o fim ou os *meios* que a ele conduzem”⁹¹. Assim, os “meios” e o “modo” aparecem como condições, nesse momento da vida ética, caracterizadas a partir de uma estrutura pautada na forma das paixões. Lima Vaz aprofunda o tema a partir do pensamento aristotélico presente nas *Éticas* a *Nicômaco* e a *Eudemo*, onde examina as estruturas psicológica e gnosiológica e as condições psicoafetivas, enfatizando a função mediadora que cada uma exerce na particularidade entre a apreensão do Bem universal e da ação singular. Por conseguinte, a estrutura psicológica insere o ato de escolha ou decisão e a gnosiológica assegura a lógica do ato em si e as condições psicoafetivas que permitem o exercício⁹². Assim, a “estrutura subjetiva da *vida ética* é explicada através da categoria da *virtude*, como hábito que se modela na particularidade das situações e se exprime na *singularidade* do *existir ético*”⁹³.

Ao longo do percurso percebeu-se que Lima Vaz, ao abordar a categoria de *situação* no momento da *particularidade subjetiva* da *vida ética*, busca pontuar o sujeito ético que, enquanto ser racional e livre, vive em constante relação com o mundo, com o Outro, com as coisas e consigo mesmo. E, enquanto *ser situado*, age de acordo com o *ethos*, ou seja, de acordo com os hábitos e costumes vigentes no contexto inserido e isso implica também uma deliberação, para que se efetive a ação virtuosa. Em outras palavras, implica um agir e um viver tendo em vista a natureza e as condições do exercício das virtudes. Esse agir ético precisa ir além da *práxis* ética, mas deve configurar-se historicamente como um modo de vida.

91 EFV, p. 45.

92 Cf. EFV, p. 46. Nesse ponto Lima Vaz também cita os textos correspondentes a cada estrutura nas obras *Ética a Nicômaco* e *Ética a Eudemo*.

93 Cf. MAC DOWELL, João A. Método dialético, história e transcendência no sistema filosófico de Henrique Cláudio de Lima Vaz. In: *Pensadores do século XX*. CARDOSO, Delmar (Org.). São Paulo: Loyola, p. 236.

4 A singularidade subjetiva da *vida ética*

No percurso do movimento dialético da categoria da subjetividade, chega-se, por assim dizer, ao último momento da compreensão da estrutura *subjetiva* da *vida ética*: a *singularidade*.

Em caráter rememorativo, ou melhor, no momento da *universalidade* vimos a *vida ética* a partir de pontos-chave: o *ethos* e a categoria de *virtude*; depois, desenvolvemos a questão do *ser situado*, ou melhor, a *situação* como elemento característico da *particularidade*; e agora chegamos ao momento em que a categoria da *virtude*, a categoria da *situação* tem seu lugar de realização na *pessoa moral*.

Importante perceber como Lima Vaz pensa a *singularidade*. A princípio, “a *singularidade* é o resultado de compreensão da realidade. Trata-se da realidade concreta, o propriamente existente, mas enquanto entendido como identidade reflexa da *universalidade* primeira e da *particularidade* na qual se exprime sua riqueza”⁹⁴. Assim, a *universalidade* e a *particularidade* são dimensões que completam a *singularidade*.

4.1 O ato de *decisão*

Avançando na reflexão, Lima Vaz afirma que o movimento dialético da *práxis* termina no ato *singular* da *decisão* que, a partir do modelo lógico aristotélico, pode ser analisado metodologicamente como ato isolado. Lima Vaz apresentou-o com mais ênfase na sua análise sobre o *agir ético*⁹⁵, quando reflete que o ato de *decisão* como ato isolado permanece em nível *abstrato*.

Assim, o ato de decisão se insere concretamente na sucessão de atos que tecem a *vida ética* do indivíduo. A ação ética do indivíduo é pensada numa sequência de atos que

94 MAC DOWELL, João A. Método dialético, história e transcendência no sistema filosófico de Henrique Cláudio de Lima Vaz. In: *Pensadores do século XX*. CARDOSO, Delmar (Org.). São Paulo: Loyola, p. 227.

95 Conferir EFV; na primeira parte Lima Vaz faz a abordagem ético-filosófica sobre o *agir ético* nas estruturas lógicas da subjetividade, intersubjetividade e objetividade subdivididas em universalidade, particularidade e singularidade.

se unem com outros elos que permitem o acontecer da *vida ética*. A *vida ética* representa um crescimento pautado na *vida no bem*, é um crescimento de ordenação ontológica para o Fim que é o Bem. Considerando o ponto de vista do movimento dialético da *Razão prática*, “a *singularidade* da *vida ética* designa a primazia efetiva da *situação metafísica* do sujeito, definida pela sua ordenação ontológica ao Bem, sobre a *situação mundano-histórica*”⁹⁶.

A passagem dialética do *particular* para o *singular*, ressalta Lima Vaz, significa que a *causalidade* da *Razão prática* é intrínseca à efetivação concreta do *agir ético*, e a passagem se evidencia sobre a complexa rede de *condições* e, como resultado, emite, então, o *juízo de decisão*, que na especificidade ética é característica própria do ser racional e livre.

O momento da *singularidade* da *vida ética* em seu caráter dialético não se baseia *a priori* em seu fundamento empírico ou nas variações *culturais*; para isso Lima Vaz explica que a Ética filosófica tem como pressupostos “identificar os invariantes conceptuais ou ainda expor a estrutura *categorial* que se mostram constitutivos da inteligibilidade *essencial* da vida ética e definem a *identidade* na *diferença* das suas manifestações históricas”⁹⁷.

Lima Vaz apresenta a estrutura conceptual da *singularidade* em três momentos ou três *categorias* articuladas logicamente, que são: *virtude*, *situação*, *existir ético*. Define a categoria de *situação* como o momento *mediador* a partir do qual a *virtude*, pensada primeiramente na sua *universalidade* abstrata, como *hexis* (hábito) ou enquanto intensidade qualitativa da *enérgeia* (potência ativa), torna-se forma concreta do *existir ético*.

Por conseguinte, o *existir ético* é compreendido a partir de dois ângulos: primeiramente como um movimento de passagem do *livre-arbítrio* à *liberdade* ou ainda como movimento de acesso do sujeito ético a uma identificação *existencial* voltada sempre em direção ao Bem, considerado a partir da inteligibilidade intrínseca do movimento da *Razão prática*.

Assim, por meio do movimento dialético percorrido, percebe-se que, enquanto sujeito racional e livre, o mesmo se define, segundo Lima Vaz, na *universalidade* pela sua identidade *intencional* com o Ser e o Bem e tem sua forma concreta na *singularidade* como existir plenamente livre no Bem; também o *existir ético* é uma progressão da simples *identidade* ética expressa pelo nosso filósofo no ato da *consciência moral*. Nesse sentido, na *singularidade* são dois os conceitos que articulam o núcleo inteligível do *existir ético*: *liberdade moral* e *personalidade moral*.

Avançando em nossa reflexão, Lima Vaz nos apresenta a distinção entre *livre-arbítrio* e *liberdade*. Esta distinção está pautada no caminho da autorrealização do ser. Nosso objetivo agora é perceber como Lima Vaz apresenta essa distinção entre *livre-arbítrio* e *liberdade*.

96 EFV, p. 167.

97 EFV, p. 167.

4.2 A distinção entre *livre-arbítrio* e *liberdade*

Lima Vaz inicia a distinção dos conceitos *livre-arbítrio* e *liberdade* fazendo uma *rememoração histórica*, ou seja, ele retoma em linhas gerais a definição dos filósofos e busca unir a concepção clássica e moderna para então posicionar-se sobre os conceitos.

Ele apresenta a questão da primazia da *liberdade* sobre o *livre-arbítrio* no caminho da autorrealização do ser racional como *eléntheros*, ou seja, como plenamente *em razão de si mesmo* ou como *causa sui*. Como se sabe, esse é um dos temas emergentes já no início da Ética e está implícito na doutrina socrática da virtude-ciência. Platão, no livro *A República*, mais especificamente no livro VIII, apresenta a definição do virtuoso como *sábio* sob o aspecto da virtude; ou seja, explicita a necessidade de ordenar a capacidade de escolha, o que implica uma atitude de coerência e não simplesmente de fazer-se o que se quer. É uma “adesão constante ao Bem no qual consiste propriamente a *liberdade*”⁹⁸. Em Plotino, bem como nas éticas helenísticas, a “elevação do *livre-arbítrio* à *liberdade* como ordenação constitutiva da *vida ética* é afirmada como exigência fundamental para a posse da *eudaimonia*”⁹⁹.

Consoante a teologia patrística, Santo Agostinho retoma os conceitos de *livre-arbítrio* e da *liberdade* como um dos temas diretrizes da sua antropologia, da sua ética e da teologia da graça¹⁰⁰. Constata-se que é sob a influência da doutrina agostiniana que renasce na Idade Média o problema da *liberdade* e do *livre-arbítrio*.

Cabe aqui ressaltar que Tomás de Aquino mostra o *livre-arbítrio*

como sendo a própria vontade com seu poder inato de escolha (*liberum*) enquanto penetrada pela razão na sua função judicativa (*arbitrium*). Como tal o livre-arbítrio que tem como objeto próprio a escolha dos *meios* participa do dinamismo da vontade orientada para o *bem* como *fim*, pois a bondade do fim refluí necessariamente sobre o meio apto para alcançá-lo. A conclusão, pois, é a de que o livre-arbítrio é a própria vontade não considerada *absolutamente*, mas enquanto ordenada como ato de escolher¹⁰¹.

Ele define, também, o fundamento da *liberdade* que se exerce no *livre-arbítrio*, a qual se formula “em torno da causalidade respectiva da *razão* e da *vontade* no ato livre”¹⁰². Em Tomás de Aquino a discussão sobre o *livre-arbítrio* conduzirá à formulação de uma *antropologia da liberdade*¹⁰³ nos fundamentos da Ética.

98 Cf. EF II, p. 89-93.

99 EFV, p.168.

100 Em referência à distinção entre *livre-arbítrio* e *liberdade*, em Agostinho, conferir a obra *De Libero Arbitrio*.

101 EFIV, p. 226.

102 EFIV, p. 226.

103 Cf. EFIV, p. 225-229.

Entretanto, na modernidade, há uma distinção entre *livre-arbítrio* e *liberdade*. Lima Vaz afirma:

no universo intelectual da filosofia moderna o problema da *liberdade* como forma superior do simples *livre-arbítrio* é pensado na perspectiva da primazia do *sujeito* sobre o *ser* que assinala a inversão *antropocêntrica* do paradigma clássico, permanece como problema fundamental na Antropologia e na Ética e como tal pode ser acompanhada de Descartes a Kant¹⁰⁴.

Nesse sentido, toda uma vertente da filosofia moderna, segundo Lima Vaz, é caracterizada como *metafísica da liberdade*. Sob essa definição, Lima Vaz relembra que a “ideia de *ens morale* como constitutivo da *pessoa*, é estudada em sua origem histórica na teologia medieval e na filosofia moderna como filão condutor de uma ‘metafísica da liberdade e da pessoa’ presente na evolução filosófica, política e social da modernidade”¹⁰⁵.

Nesse período, teve grande destaque o pensamento hegeliano, da abordagem sobre o problema da *liberdade*, seja no aspecto metafísico, seja no aspecto ético-político. Em Hegel, temos, de certa forma, uma formulação mais ambiciosa e mais rigorosamente construída acerca do *pensamento da liberdade*, que permanece como referência na filosofia contemporânea. Assim, Hegel procede de uma ampla exposição sobre o conceito de *liberdade* a partir da sua estrutura dialética que compreende os momentos da universalidade, particularidade e singularidade. Sob esse enfoque, a “dialética da Liberdade se apresenta, pois, como preâmbulo lógico necessário para a reta compreensão do itinerário dialético do Espírito, vem a ser, da Ética”¹⁰⁶.

Dar-se-á um passo a mais no itinerário vaziano adentrando na questão da inteligibilidade da *vida ética*.

4.3 A inteligibilidade da vida ética

O movimento dialético da inteligibilidade da *vida ética* se apresenta a nós como progresso ou crescimento na *liberdade*, ou seja, como livre adesão ao Bem. Esse crescimento, afirma Lima Vaz, define-se como uma passagem contínua de uma identidade intencional *abstrata* (momento da universalidade) do sujeito ético com o Bem – a qual é também identificada como uma identidade *estática*, que se exprime pela *Razão prática* sendo igual ao Bem –, para uma identidade intencional *concreta* (momento da *singularidade*) – a qual

104 EFV, p. 169.

105 Cf. Nota de rodapé. EFV, p. 65.

106 EFIV, p. 394.

é também caracterizada como uma identidade *dinâmica* cuja tendência da *Razão prática* é orientada ao Bem.

Na perspectiva da estrutura inteligível da *vida ética* destaca-se, a princípio, em referência ao progresso da *liberdade*, o momento da identidade intencional concreta; ou seja, a identidade dinâmica, que tem sua realização na sucessão de atos do *livre-arbítrio* (*juízos da decisão*), o que atesta a particularidade dos bens circunscritos pela *situação* do sujeito. Os atos do *livre-arbítrio*, para Lima Vaz, são “suprassumidos no movimento pelo qual a *Razão prática* vive concretamente sua identidade intencional com o Bem que é igualmente o Fim: tal é a *vida ética* como *liberdade* realizada, manifestando-se na constância e progresso de uma vida *virtuosa*”¹⁰⁷.

Compreendido, ainda que brevemente, o aspecto da inteligibilidade da *vida ética*, avançar-se-á para a reflexão buscando compreender como o filósofo pensa a constituição da *personalidade moral*.

4.4 A constituição da *personalidade moral*

Ao abordar a temática da constituição ou a formação da *personalidade moral*, Lima Vaz inicia enfatizando que o segundo momento fundamental na compreensão da *vida ética* em sua *singularidade* é marcado pela passagem da simples *identidade ética* que se exprime no ato da *consciência moral* para a *ipseidade*¹⁰⁸ *ética*, ou, como a define, para a intensidade reflexiva da *consciência moral* como ato da *pessoa*¹⁰⁹. Portanto, “a vida ética se mostra, sob esse aspecto, como processo permanente de constituição da *personalidade moral*”¹¹⁰.

Ao pontuar na Ética filosófica a categoria de *pessoa*, Lima Vaz parte de um sistema aberto onde se exprime uma síntese entre *essência e existência*¹¹¹, sendo que a primeira é uma expressão do *agir ético* em si e a segunda implica a *vida ética* no mundo e na história. Logo, afirma que a categoria de pessoa é

107 EFV, p. 170.

108 A ipseidade [ipse (a), o mesmo ou a mesma, gramaticalmente masculino ou feminino] designa a identidade reflexiva e dinâmica do sujeito em permanente realização de si mesmo. EFV, nota de rodapé p. 170.

109 A categoria de pessoa em sua dimensão ética será a categoria totalizante de todos os momentos do discurso da Ética filosófica.

110 EFV, p. 170.

111 A essência é pensada como o momento da manifestação do que o ser-homem é nos seus constitutivos ontológicos fundamentais, ou seja, na sua estrutura e nas suas relações. A *existência* é o momento da manifestação do que o ser-homem efetivamente se torna na sua realização. Cf. AFII, p. 190.

designada necessariamente pelo momento conceptual da *singularidade* na ordem da inteligibilidade e do discurso *para-nós*. Ela surge ao termo do discurso como a *singularidade* que suprassume a *universalidade* da *essência* pela mediação da *particularidade* da *existência* que se realiza na história de cada um. Já na ordem da inteligibilidade *em-si*, a *pessoa*, como *singularidade* exerce a mediação que faz passar a *universalidade* da *essência* na *particularidade* histórica da *existência*¹¹².

Portanto, nesse sentido, a categoria de *pessoa* pode ser igualmente designada como categoria da *essência*, como expressão ontológica, que significa a si mesmo e cumpre efetivamente o desígnio de seu ser no existir.

Refletindo a categoria de pessoa em sua dimensão ética, Lima Vaz afirma que o “homem é um ser constitutivamente ético e essa eticidade é ou deve ser o primeiro predicado da sua unidade existencialmente em devir – ou do imperativo da sua autorrealização”¹¹³. Paulatinamente, o que a *pessoa* é, por *essência*, deve tornar-se *existência*. Aqui a *essência* é caracterizada pelo *agir ético* do homem e a *existência* identificada como a *vida ética*, possibilidade essa que se abre para que se cumpra na vida de cada *pessoa* essa injunção do “torna-te o que és”, pois o que caracteriza a realização existencial da *pessoa* é a formação da sua *personalidade*. Aspecto esse que requer que o sujeito, mesmo em meio a *condições* favoráveis ou adversas, viva esse momento de passagem natural do curso da vida, que implica o confronto com situações e realidades tais como a tradição e a educação, que possibilitam ao sujeito enfrentar a formação da *personalidade* como uma passagem ou ainda como o desafio mais radical da vida do indivíduo.

A formação da *personalidade*, em sua compreensão, desdobra-se em várias dimensões da vida do sujeito: a psicológica, a social, a cultural, a cívica, a religiosa, a ética. Mas a dimensão que aqui define a forma da vida ética é a *personalidade moral* que orienta e assegura a continuidade dos atos que a constituem e, nesse sentido, é a *forma* da vida vivida virtuosamente. Cabe ressaltar também que a *personalidade moral* não se prende somente ao aspecto moral, pois as demais dimensões estão também implícitas no aspecto da moralidade.

Em seguida, Lima Vaz afirma que, sendo a *personalidade moral* a forma de vida virtuosa, tem seu núcleo dinâmico e constitutivo na direção crescente da *consciência moral*. É preciso, portanto, rememorar este conceito para que sua *essência* se clarifique ao pensamento. Esta *rememoração* tem como objetivo pontuar as diferentes acepções que o conceito em destaque recebeu ao longo da história¹¹⁴. Ele concorda que a *consciência moral*,

manifestando-se por meio das experiências de fenômenos éticos característicos, a começar pelo conhecimento de si mesmo e pela percepção da transcendência do bem, oscilou primeiramente

112 AFII, p. 191.

113 AF II, p. 146.

114 AFV, p. 58-65.

entre sua definição como *hábito* ou como *ato*; em seguida passou a ser identificada com algum dos fenômenos que a acompanham e a manifestam, resultando daí as figuras deformadas sob as quais ofereceu como alvo as mais diversas estratégias reducionistas ao longo da história da Ética moderna¹¹⁵.

Portanto, é notável que nosso filósofo, nesse momento rememorativo da *consciência moral*, perpassa a tradição e pontue que a doutrina da identidade entre o ato moral e a *consciência moral* seja fruto de longa evolução do pensamento medieval, “no qual a consciência moral foi inicialmente pensada como um *hábito* e atribuída à *sindérese*, isto é, ao hábito que aplica ao ato moral os primeiros princípios da *Ração prática*”¹¹⁶. Mas é com Tomás de Aquino que se alcança uma maior clareza sobre este tema e com o pensamento vaziano há maior identificação, pois Lima Vaz concorda com a versão de Tomás de Aquino, que apontou a concepção definitiva da *consciência moral* como *ato*, e ao mesmo também lançou uma luz definitiva sobre a refletividade específica do ato moral, onde reside em si a essência da *consciência moral*. Ainda cabe destacar que a ideia de *personalidade moral* já está presente na concepção socrática “conhece-te a ti mesmo” e, em Platão, na ideia de varão prudente aristotélico, no virtuoso estoico. Na tradição teológica cristã, é sublimada no ideal do *santo* designando a equivalência entre *persona* e *ens morale*.

Por conseguinte, a *consciência moral* se faz presente na vida do indivíduo, torna-se possível ao exercício da *vida ética* na sua concretude existencial e desdobra-se em duas dimensões que Lima Vaz pontua como “a identidade ou permanência do sujeito assegurada pela *reflexão* sobre si mesmo e a *diferença* de si a si mesmo atestado no *juízo* da consciência que se pronuncia sobre o estágio alcançado pelo sujeito na formação da sua *personalidade moral*”¹¹⁷.

Esse roteiro da constituição da *personalidade moral* que perpassa, como vimos, a compreensão da *consciência moral* tem como meta o progresso da vida, sendo o sujeito convidado a fazer a passagem de uma vida oscilante no *livre-arbítrio* para estabelecer-se numa vida firmada na *liberdade* do consentimento ao Bem.

Conclui-se que o momento da *singularidade* tem seu conteúdo inteligível no exercício concreto do existir da vida ética; e apontam-se dois parâmetros a serem observados: “a elevação da indeterminação do *livre-arbítrio* à determinação da *liberdade* caracterizada pela sempre mais profunda adesão ao Bem; o progresso na formação da *personalidade moral* atestado pelo exercício sempre mais exigente da *consciência moral*”¹¹⁸.

115 AFV, p. 61.

116 AFV, p. 59.

117 EFV, p. 172.

118 EFV, p. 172.

Ao percorrer os três momentos constitutivos da estrutura *subjetiva* da *vida ética*, que na perspectiva dialética são pensados como momentos do movimento, ou como *passagem* ou *suprassunção* em que o momento abstrato da *universalidade* é mediado pela *particularidade* e se concretiza na existência da *singularidade*. Em síntese, “o *universal* da *virtude* se *particulariza* na *situação* do sujeito e, mediatizado por ela, realiza-se concretamente na *singularidade* existencial da vida ética”¹¹⁹.

Ao concluir a parte da estrutura *subjetiva* da *vida ética*, Lima Vaz recorda que esse é o primeiro passo para a compreensão do todo da *vida ética*, e afirma que o sujeito não vive isolado, mas vive em vista da comunidade. É na dimensão relacional intersubjetiva que a *vida ética* é vivida no terreno da sua concretude *histórica*.

O limite da nossa pesquisa se encontra exatamente em pautar nossa reflexão somente na primeira parte, ou seja, na estrutura *subjetiva* da *vida ética* vaziana.

119 EFV, p. 172.

Considerações finais

Ao adentrar no pensamento de Lima Vaz, somos inexoravelmente conduzidos a uma nova metodologia de pensar a filosofia, pensar a nossa vida e ação e também compreender a sociedade na qual estamos inseridos.

O itinerário vaziano passa o vasto horizonte da Ética que se compõe desde um resgate etimológico, a rememoração histórica, a fundamentação sistemática e lógica do percurso ao longo da tradição até entender as questões éticas nas quais estamos inseridos hoje. Questões estas que questionam, inquietam e exigem uma postura justa diante das mesmas.

Ao concluir este trabalho sinto que trilhar a estrutura ética de Lima Vaz possibilita uma visão crítica do que vemos e ouvimos na atualidade. Provoca uma postura, uma ação pautada na verdade, na justiça e no Bem, consolidando, então, as ações, atitudes e comportamentos direcionados sob o horizonte de uma coerência ética. Depende do sujeito a responsabilidade da transformação e da mudança dos rumos da humanidade. Afinal, somos agentes e corresponsáveis, e não meros espectadores.

Nesse sentido, cabe ressaltar que o caminho trilhado por Lima Vaz não se apresenta como o mais simples ou o mais fácil, mas como uma via possível de pensar as questões da atualidade objetivamente. Percepção sentida ao longo deste trabalho, sobretudo na densidade dos conteúdos apresentados pelo filósofo, uma vez que, para compreender um aspecto da filosofia de Lima Vaz, necessita-se quase que incondicionalmente a compreensão do todo do seu sistema, que abrange a Antropologia, a Ética e a Metafísica, para então compreender a parte específica do objeto de pesquisa. Uma dificuldade foi a falta de comentadores sobre o tema da *subjetividade da vida ética*.

Destarte, em nosso trabalho, buscamos fazer uma hermenêutica da estrutura subjetiva da *vida ética* que corresponde ao primeiro estágio dialético da compreensão da segunda dimensão da ética sistemática vaziana. O trabalho de identificação das categorias lógico-dialéticas é apresentado pelo filósofo a partir de três momentos: universalidade, particularidade e singularidade. Logo, percebe-se que a Ética proposta pelo filósofo é de cunho estritamente filosófico, visando a uma reflexão crítica-dialética-sistemática.

Iniciamos o trabalho apresentando a relação entre Lima Vaz e a Ética filosófica, perpassando as vias de compreensão e estrutura elaboradas pelo autor estudado, uma vez que o mesmo se situa numa fase de transição da Modernidade para a Pós-Modernidade, cujo contexto é profundamente marcado por uma crise de valores e de sentido da vida, que culminam no *niilismo ético*, mas apontam pistas para a sua superação.

É a partir do diálogo com a Modernidade que Lima Vaz direciona o seu pensar e o seu filosofar em busca de compreender as origens do problema de sentido da existência e se questiona sobre a crise das ações éticas dos homens. Afirmar que a questão do enigma da Modernidade se apresenta pelos avanços da razão técnica que acaba por minimizar a preocupação ética da práxis humana centrando as atenções aos meios técnicos de operar, traduzindo-se numa cultura do imediatismo e do consumo exacerbado. Por isso, Lima Vaz se propõe a pensar o sujeito como agente de transformação, que parte da compreensão da sua identidade enquanto ser situado e em relação com o *ethos*. Quando se perde de vista essa característica primeira há, conseqüentemente, uma crise na relação consigo e com o Outro.

Vimos que a Ética em toda sua estrutura tem caráter sistemático. Antes de tudo, cabe ressaltar que a novidade de Lima Vaz frente aos filósofos do seu tempo foi a de apresentar um jeito novo de pensar as questões da atualidade. Para isso serviu-se do método da *rememoração*, ou seja, trilhou os caminhos da tradição, retomando os conceitos já existentes e a partir de então apresenta novas soluções. Contudo, seu sistema não consiste simplesmente em um repetir de ideias, mas em repensar o existente e a partir de então lançar a novidade, ou melhor, apontar as devidas saídas ou soluções para as questões vigentes.

Em princípio, a *estrutura subjetiva da vida ética* constitui-se no âmbito da *universalidade* compreendida a partir da realidade concreta do sujeito, articulada a partir da sua relação com o *ethos* e fundamentada, sobretudo, na categoria da *virtude*, ela se expressa a partir de contínua e progressiva ordenação do sujeito ao Bem que se configura por intermédio de sua *práxis*.

Nesse ponto, é possível entender que o sujeito está em constante relação com a tradição herdada pelos hábitos, pelos costumes adquiridos que o direcionam a um agir virtuoso. A estrutura subjetiva propõe-se a pensar o sujeito enquanto ser racional, inserido no mundo em constante relação com o *ethos*.

No momento da *particularidade*, Lima Vaz pensa o ser situado em um determinado espaço e tempo onde o indivíduo particular em suas ações deve libertar-se das paixões para centrar a sua vida ao Bem, a uma vida pautada nas ações virtuosas. Na *particularidade* o ser situado age de acordo com o *ethos*, ou seja, de acordo com os hábitos e costumes vigentes. Na passagem do período antigo para a Modernidade a Teleologia do Bem cede

lugar ao “aqui e agora”, onde o indivíduo determina em última instância a sua ação própria. A *particularidade* é um momento necessário para se chegar à *singularidade*.

O momento da *singularidade* caracteriza-se pelo existir ético do indivíduo, em que acontece a efetivação do agir; o *agir ético* se manifesta sobre as condições existentes e a partir daí profere juízo de decisão como ato do sujeito racional e livre. Há nesse momento uma livre adesão ao Bem como um progresso na liberdade. É essa progressiva decisão ao Bem que permite ao sujeito a formação da sua personalidade enquanto sujeito ético e moral.

Portanto, compreende-se que a formação da personalidade moral permite a passagem da simples identidade ética para a ipseidade ética; ou melhor, sinaliza que, além de ser um sujeito ético, deve ultrapassar os atos de ação ética, e formar a sua vida, a sua personalidade arraigada nos valores, no Bem, na Ética.

Lima Vaz faz esse caminho todo de resgate histórico do *ethos* como base para afirmar que o sujeito é um ser situado em um espaço concreto e é nesse espaço permeado de situações e contextos adversos, polêmicos, contraditórios ou favoráveis, que o sujeito vai formando a sua personalidade. Assim, Lima Vaz pontua que o que o sujeito é na sua essência ou faz em seus atos deve singularizar-se na existência concreta, ou seja, deve traduzir aquilo que é “Eu Sou”, sua identidade, para que essa se expresse, se visualize na vida do sujeito enquanto ser existente.

Finalmente, ao expor o pensamento de Lima Vaz sobre a *estrutura subjetiva da vida ética*, em linguagem metafórica, constatamos que a Ética vaziana é como uma fonte da qual sempre se tira água e ela nunca se esgota. O que apresentamos aqui é uma gota de água da imensa fonte que encontramos nas obras de Lima Vaz. Permanece, porém, o desejo de continuar bebendo dessa fonte da vida e, como expressa o filósofo, da fonte da *vida ética*.

Referências

Livros de Henrique Cláudio de Lima Vaz:

- VAZ. Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica I*. 11ª ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- _____. *Antropologia Filosófica II*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. *Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- _____. *Escritos de Filosofia III*. Filosofia e Cultura. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *Escritos de Filosofia IV*. Introdução à Ética Filosófica 1. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- _____. *Escritos de Filosofia V*. Introdução à Ética Filosófica 2. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *Escritos de Filosofia VI*. Ontologia e história. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- _____. *Escritos de Filosofia VII*. Raízes da Modernidade. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. Ética e razão moderna. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 22, n. 66, 1995, p. 53-84.
- _____. Ética e comunidade. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 18, n. 52, p. 5-11, jan/mar. 1991.
- _____. Morte e vida da filosofia. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 18, n. 55, p. 667-691, out/dez. 1991.

Obras e artigos sobre Henrique Cláudio de Lima Vaz:

- BRITO. Emídio Fontenele de; CHANG. Luiz Harding. (orgs.). *Filosofia e Método*. São Paulo: Loyola, 2002.
- CARDOSO. Delmar. (org.). *Pensadores do século XX*. São Paulo: Loyola, 2012.
- FERREIRA. Márie dos Santos. *O conceito de Pessoa humana no pensamento de Lima Vaz*. Fortaleza, 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade Estadual do Ceará, 2009.
- MAC DOWELL. João A. *O pensamento do Padre Lima Vaz no contexto da Filosofia Contemporânea no Brasil*. Revista Portuguesa de Filosofia Fascículo 2. v. 67, 2011, 231-253.
- _____. *Aspectos fundamentais do pensamento ético de Padre Vaz*. Veredas do Direito, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 63-79, 2004.
- _____. *Ética e Direito no pensamento de Henrique de Lima Vaz*. Revista Brasileira do Direito constitucional – RBDC, n. 9, jan/jun.2007.
- NOBRE. Marcos; REGO. José Marcio. *Conversa com Filósofos Brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- OLIVEIRA. Cláudia Maria Rocha de. *Metafísica e ética*. A filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo. São Paulo: Loyola, 2013.

- PALACIO. Carlos. (org.). *Cristianismo e História*. São Paulo: Loyola, 1982.
- PERINE. Marcelo. *Diálogos com a cultura contemporânea*. São Paulo: Loyola. Versão livro eletrônico.
- _____. *Violência e Niilismo. O segredo e a tarefa da filosofia*. Revista *Kritérion*, v. 43, nº 106, Belo Horizonte, dez. 2002.
- RIBEIRO. Elton Vitoriano. *Uma vida a serviço da fé e da razão: Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ*. Revista *Atualização*. Nº 352, set/out. 2011, p. 433-446.
- _____. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Loyola, 2012.
- SAMPAIO. Rubens Godoy. *Metafísica e Modernidade*. São Paulo: Loyola, 2006.
- TOLEDO. Claudia. *Estrutura da relação entre Ética e Direito no pensamento de Lima Vaz*. *Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável*. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, 2004, p. 9-23.

Obras complementares

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 6ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- BRUGGER. *Dicionário de Filosofia*. 3ªed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1977.
- OLIVEIRA. Manfredo Araújo de. *Ética e sociabilidade*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *Desafios éticos da globalização*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- PERINE. Marcelo. *Ensaio de iniciação ao filosofar*. São Paulo: Loyola, 2007.
- SAMPAIO. Rubens Godoy. *O ser e os outros*. São Paulo: Unimarco Editora, 2001.
- VERGNIÈRES. Solange. *Ética e Política em Aristóteles*. Physis, ethos, nomos. São Paulo: Paulus, 1999.

Temas dos Cadernos IHU

- N. 01 – *O imaginário religioso do estudante da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS*
Hilário Dick
- N. 02 – *O mundo das religiões em Canoas*
José Ivo Follmann (Coord.), Adevanir Aparecida Pinheiro, Inácio José Sphor & Geraldo Alzemiros Schweinberger
- N. 03 – *O pensamento político e religioso de José Martí*
Werner Altmann
- N. 04 – *A construção da telerrealidade: O Caso Linha Direta*
Sonia Montañó
- N. 05 – *Pelo êxodo da sociedade salarial: a evolução do conceito de trabalho em André Gorz*
André Langer
- N. 06 – *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado – Gênese e dissolução do patriarcalismo escravista no Brasil: Algumas considerações*
Mário Maestri
- N. 07 – *A Igreja Doméstica: Estratégias televisivas de construção de novas religiosidades*
Antônio Fausto Neto
- N. 08 – *Processos midiáticos e construção de novas religiosidades. Dimensões históricas*
Pedro Gilberto Gomes
- N. 09 – *Religiosidade midiática: Uma nova agenda pública na construção de sentidos?*
Atílio Hartmann
- N. 10 – *O mundo das religiões em Sapucaia do Sul*
José Ivo Follmann (Coord.)
- N. 11 – *Às margens juvenis de São Leopoldo: Dados para entender o fenômeno juvenil na região*
Hilário Dick (Coord.)
- N. 12 – *Agricultura Familiar e Trabalho Assalariado: Estratégias de reprodução de agricultores familiares migrantes*
Armando Triches Enderle
- N. 13 – *O Escravismo Colonial: A revolução Copernicana de Jacob Gorender – A Gênese, o Reconhecimento, a Deslegitimação*
Mário Maestri
- N. 14 – *Lealdade nas Atuais Relações de Trabalho*
Lauro Antônio Lacerda d'Ávila
- N. 15 – *A Saúde e o Paradigma da Complexidade*
Naomar de Almeida Filho
- N. 16 – *Perspectivas do diálogo em Gadamer: A questão do método*
Sérgio Ricardo Silva Gacki
- N. 17 – *Estudando as Religiões: Aspectos da história e da identidade religiosas*
Adevanir Aparecida Pinheiro, Cleide Olsson Schneider & José Ivo Follmann (Organizadores)
- N. 18 – *Discursos a Beira dos Sinos – A Emergência de Novos Valores na Juventude: O Caso de São Leopoldo*
Hilário Dick (Coordenador)
- N. 19 – *Imagens, Símbolos e Identidades no Espelho de um Grupo Inter-Religioso de Diálogo*
Adevanir Aparecida Pinheiro & José Ivo Follmann (Organizadores)
- N. 20 – *Cooperativismo de Trabalho: Avanço ou Precarização? Um Estudo de Caso*
Lucas Henrique da Luz
- N. 21 – *Educação Popular e Pós-Modernidade: Um olhar em tempos de incerteza*
Jaime José Zitkoski
- N. 22 – *A temática afrodescendente: aspectos da história da África e dos afrodescendentes no Rio Grande do Sul*
Jorge Euzébio Assumpção
Adevanir Aparecida Pinheiro & José Ivo Follmann (Orgs.)
- N. 23 – *Emergência das lideranças na Economia Solidária*
Robinson Henrique Scholz
- N. 24 – *Participação e comunicação como ações coletivas nos empreendimentos solidários*
Marina Rodrigues Martins
- N. 25 – *Repersonalização do Direito Privado e Fenomenologia Hermenêutica*
Leonardo Grison
- N. 26 – *O cooperativismo habitacional como perspectiva de transformação da sociedade: uma interlocução com o Serviço Social*
Célia Maria Teixeira Severo

- N. 27 – *O Serviço Social no Judiciário: uma experiência de redimensionamento da concepção de cidadania na perspectiva dos direitos e deveres*
Vanessa Lidianne Gomes
- N. 28 – *Responsabilidade social e impacto social: Estudo de caso exploratório sobre um projeto social na área da saúde da Unisinos*
Deise Cristina Carvalho
- N. 29 – *Ergologia e (auto)gestão: um estudo em iniciativas de trabalho associado*
Vera Regina Schmitz
- N. 30 – *Afrodescendentes em São Leopoldo: retalhos de uma história dominada*
Adevanir Aparecida Pinheiro; Leticia Pereira Maria & José Ivo Follmann
Memórias de uma São Leopoldo negra
Adevanir Aparecida Pinheiro & Leticia Pereira Maria
- N. 31 – *No Fio da Navalha: a aplicabilidade da Lei Maria da Penha no Vale dos Sinos*
Ângela Maria Pereira da Silva, Ceres Valle Machado, Elma Tereza Puntel, Fernanda Wronski, Izalmar Liziane Dorneles, Laurinda Marques Lemos Leoni, Magali Hallmann Grezzana, Maria Aparecida Cubas Pscheidt, Maria Aparecida M. de Rocha, Marilene Maia, Marleci V. Hoffmeister, Sirlei de Oliveira e Tatiana Gonçalves Lima (Orgs.)
- N. 32 – *Trabalho e subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial*
Cesar Sanson
- N. 33 – *Globalização missioneira: a memória entre a Europa, a Ásia e as Américas*
Ana Luísa Janeira
- N. 34 – *Mutações no mundo do trabalho: A concepção de trabalho de jovens pobres*
André Langer
- N. 35 – *“E o Verbo se fez bit”:* Uma análise da experiência religiosa na internet
Moisés Sbardelotto
- N. 36 – *Derrida e a educação: O acontecimento do impossível*
Verónica Pilar Gomezjurado Zevallos
- N. 37 – *Curar um mundo ferido: Relatório especial sobre ecologia*
Secretariado de Justiça Social e Ecologia da Companhia de Jesus
- N. 38 – *Sacralização da natureza: Henrique Luiz Roessler e as ideias protecionistas no Brasil (1930-1960)*
Elenita Malta Pereira
- N. 39 – *A sacralidade da vida na exceção soberana, a testemunha e sua linguagem: (Re) leituras biopolíticas da obra de Giorgio Agamben*
Castor M. M. Bartolomé Ruiz
- N. 40 – *São Leopoldo e a “Revolução de 1930”: Um possível uso da fotografia como documento histórico*
Tiago de Oliveira Bruinelli
- N. 41 – *Olhares multidisciplinares sobre economia solidária: Reflexões a partir de experiências do Programa Tecnosociais*
Carlos Roncato, Célia Maria Teixeira Severo, Cláudio Ogando, Priscila da Rosa Boff e Renata dos Santos Hahn
- N. 42 – *Ética e Intersubjetividade: a filosofia do agir humano segundo Lima Vaz*
Antonio Marcos Alves da Silva
- N. 43 – *(Bio)políticas de educação inclusiva e de saúde mental: a (in)visibilidade do sofrimento psíquico*
Edina Mayer Vergara
- N. 44 – *Pensamento descolonial e práticas acadêmicas dissidentes*
Alex Martins Moraes, Carolina Castañeda, Caio Fernando Flores Coelho, Dayana Uchaki de Matos, Juliana Mesomo, Luiza Dias Flores, Orson Soares, Rita Becker Lewkowicz, Rodrigo dos Santos Melo & Walter Günther Rodrigues Lippold
- N. 45 – *As práticas religiosas dos “Sem Religião” nas comunidades virtuais*
Rafael Lopez Villasenor
- N. 46 – *Estética do Acaso: Um estudo antropológico sobre a dinâmica estética e econômica na Vila Chocolate*
Marcos Freire de Andrade Neves
- N. 47 – *Além de Belo Monte e das outras barragens: o crescentismo contra as populações indígenas*
Christian Guy Caubet & Maria Lúcia Navarro Lins Brzezinski
- N. 48 – *A Empatia em Edith Stein*
Renaldo Elesbão de Almeida
- N. 49 – *A Dádiva de Si e a “Juventude”:* uma etnografia sobre movimento escoteiro
Caio Fernando Flores Coelho
- N. 50 – *Ilustração e metaética em Dogville de Lars von Trier*
Pedro Marques Harres
- N. 51 – *O ambientalismo em três escalas de análise*
Fabiano Quadros Rückert



Roseane Welter nasceu em Campina das Missões, Rio Grande do Sul. É graduada em Filosofia (2014) pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Pesquisa na linha da ética e política com ênfase no filósofo brasileiro Lima Vaz. Participou do Grupo de Estudos Vazianos (GEVAZ), na FCF.

